



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 81 — LISBOA, 3 DE DEZEMBRO DE 1942

PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

MARIA LALANDE.

uma figura notável da cena portuguesa

NAS PÁGINAS CENTRAIS DÊSTE NÚMERO:

O DRAMÁTICO AFUNDAMENTO DA ESQUADRA FRANCÊSA EM TOULON

Uma notável reconstituição de Stuart Carvalhais



Jorge Simões, jornalista e reporter de prova do mercenário, consagrado pelo êxito alcançado pelo seu curioso livro de impressões sobre a fauna dos pescadores portugueses na pesca do bacalhau — «Os trabalhadores do Mar».



Leopoldo Nunes, um dos nossos mais brilhantes jornalistas, acaba de publicar um livro que constitui o documento de uma época da nossa vida política: um estudo biográfico sobre o general Carmona



Joaquim Paço d'Arcos o laureado escritor do «Diário de um emigrante», teve agora mais uma consagração do seu valor literário com a saída da 5.ª edição do seu romance «Ana Paula», um êxito de livraria pouco vulgar em Portugal.



Samuel H. Willey, até há pouco Consul Geral dos Estados Unidos em Lisboa, que acaba de ser transferido para Alger. Antecedentemente, havia desempenhado o seu lugar de carreira em Cherburgo, Nápoles e Havre.

AQUILO ENTRE NÓS

PORTUGAL festejou no dia 11 um dos seus santos devotos: São Martinho. A semelhança do que sucedeu com Santo António, São João e São Pedro, que as agiografias populares transformaram em risonhas figurinhas de painel de azulejos — o velho e venerável bispo de Tours transformou-se, para a maioria dos seus crentes, numa espécie de Baccho cristão, coroado de louros, cavalgando heróicamente uma pipa. Na verdade, São Martinho tornou-se o Deus das cépris. Enquanto Santo António, São João e São Pedro têm a sua delícia nas ruas, São Martinho tem a sua bemaventurança — nas adegas. O dia 11 de Novembro ficará já agora aquilo que de há muito é: um dia alegre e galhofeiro em que, sob a égide dum santinho risonho, se abrem as pipas, jorra o vinho novo e estalam castanhas assadas. Este ano parece que o vinho é pouco. Em compensação, por esse mundo, a castanha — santo Deus — é cada vez mais...

MORREU há dias um homem que tendo sido no nosso meio um grande homem de acção, foi também um grande homem de coração: Henrique Monteiro de Mendonça. A visão material da existência não seou nunca, no seu jardim de Epicuro, as flores azues da bondade e do espírito. Colonialista infatigável, a Africa jamais endureceu a sua luma branca. A esquina da Ilha do Príncipe ou à porta da Havaneza, era, inalteravelmente, um «gentleman». O palácio em que habitava, à rua Marques de Fronteira, constituía o seu retrato. Através de algumas salas opulentas — a sala Luiz XV, a sala Luiz XVI, a sala Império — repletas de preciosidades do museu, adivinham-se, desde logo, não apenas um milionário mas um artista. O seu parque, imagem alfacinha de Fontainebleau, rescendia perpétuamente de aromas, entre folhagens cintilantes. E ainda há pouco, ao vermos descer o cortejo fúnebre, entre sombras tristes, sob a chuva mole que caía, recordávamos aquela alegre noite de Carnaval, há trinta e dois anos, em que Henrique Monteiro de Mendonça, inaugurando a sua casa, ofereceu à Lisboa

Inventário & Balanço

O HOMEM — E OS OUTROS ANIMAIS

Repetem-se as inaugurações de melhoramentos no Jardim Zoológico. E, ao contrário do que geralmente sucede com tudo o que se repete — eis uma repetição que não enlada, antes, por tôdas as razões, deve encher de orgulho a metrópole alfacinha. Melhoramentos, beneficiações, novidades constituem já o pão nosso de cada dia do atraente parque das Laranjeiras, hoje povoado de tôdas as grandes raridades zoológicas — que não fazem esquecer nem apagar o mundo de sombras e recordações da grande era de mundanismo em que Farrobo pontificava no seu sonho de beleza e côr. Hoje, o parque das Laranjeiras — nas suas horas vagas de Jardim Zoológico — retoma os seus ares de palco de elegâncias. Mas não é só isso o que merece registro. Mais que isso, deve lembrar-se a acção de natureza social empreendida pela direcção do Jardim, inaugurando casas de habitação, refeitórios e balneários para o seu pessoal. Ser amigo dos animais — muito bem. Mas muito melhor ainda será que não esqueçamos, nesse carinho pelos animais, que ainda hoje o homem não abdicou da sua razão de verdadeiro rei da criação.

A MULHER NA CÁTEDRA ?

Uma senhora foi doutorar-se à Politécnica. O grande público, habituado a chamar e a ouvir chamar doutor a toda a gente, ignora talvez que a prova de doutoramento é um exame complementar, a que só podem submeter-se graduados universitários com títulos de licenciado. Estes licenciados, como muitos bacharéis — o bacharelato é, hoje, grau inferior ao da licenciatura — são os médicos, advogados, juizes, notários, professores liceais, conservadores de registo, etc. — a que toda a gente trata por «senhores doutores». Simplesmente, êstes são doutores apenas de «dr.», em breve; os outros são doutores por extenso, com tôdas as letras — e a prova de doutoramento constitui, quasi sempre, o título de habilitação ao cargo de professor cattedrático das universidades. Irá a sr.ª D. Seomara da Costa Primo concorrer a professora da universidade, lente de capêlo e borla? Seria a primeira senhora com assento nos cadeirais soleníssimos do nosso ensino superior — e seria também uma data a assinalar nos annos da actividade intellectual da mulher portuguesa.

GÉNERO DE TODOS OS GÉNEROS

Pode dizer-se que não se concebe uma temporada teatral sem uma peça de Ramada Curto nem uma temporada literária — façamos de conta que o teatro é apenas expressão cénica e não faz parte da literatura... — sem um livro de Aquilino Ribeiro. Está cumprida a segunda parte. O estilista inconfundível do «Jardim das Tormentas» assinou o ponto da curiosidade do nosso público leitor com «Os avós dos nossos avós», que parece de um Aquilino diferente do do costume, quando não, pelo menos de um Aquilino a querer passar por outrém. Mas não. Se não é o romancista da «Via sinuosa» que reaparece, nem o novelista de «Filhas de Babilónia», nem o crítico de «Por obra e graça», êste livro de fundo etnológico é a confirmação do pendor histriográfico do autor da biografia de Anastácio da Cunha e do tradutor de Xenofonte. E é, principalmente, o prosador vigoroso que existe e persiste em todos aqueles géneros como afirmação inconfundível de um temperamento de artista em quem o poder verbal não atabaça, antes enriquece o mundo de idéias que lhe vai na alma — coração e cérebro — e que cada um que o lê surpreenderá sem esforço e com infinita admiração.

elegante da época uma das festas mais espirituosas dos últimos tempos da monarquia...

A filosofia popular vale, às vezes, o melhor ouro. Flor silvestre do espirito, contém a mais transparente de tôdas as virtudes literárias — que é a da espontaneidade.

Numa pequena aldeia do Minho havia um lavrador, homem simples e resignado, que tinha no seu quintal uma laranjeira. A árvore, já muito velha, não dava fruta, mas o seu proprietário ia-a conservando num alável carinho pela velha árvore. Ora uma manhã entrou-lhe o abade da freguesia pela porta dentro, propondo a compra da laranjeira.

— Gostava de mandar fazer um São Crispim para a igreja. A laranjeira é ótima para isso. Queres vender a árvore?

— A árvore é sua, senhor abade!

Pois há pouco realizou-se, com festa rija, a entronização do novo santo, acorreu a freguesia em péso; e, ao sermão, o abade pediu ao jovem São Crispim o milagre de salvar o mundo. Terminada a festa, o padre encontrou-se no adro com o dono da laranjeira:

— Então que te parece o santo?

— Muito lindo, senhor abade. Agora, desculpe Vossa Senhoria, o que me não parece é que êle seja capaz de fazer milagres...

— Porquê, homem de Deus?

— Porque a laranjeira, nem mesmo agarrada à terra, era capaz de dar fruto — que fará depois de secca!

SEGUNDO a última estatística, há em Lisboa 11.000 cães. A estatística, embora o não diga, refere-se a cães no sentido animal da palavra, visto que o número de cães, no sentido financeiro, deve ser 50 ou 60 vezes maior. Como quer que seja, Lisboa, como Constantinopla, está transformada num autêntico canil. Registemos o facto, com disvelo — e com amargura: com disvelo porque denota um louvável sentimento de interesse pelos animais; com amargura porque o homem, quanto mais se aproxima do cão, mais mostra, à evidência, que o cão é mil vezes preferível ao homem.



Aquilino Ribeiro, o grande escritor português que acaba de acrescentar mais um livro notável à sua obra — «Os avós dos nossos avós», um dos êxitos da actual temporada literária.



Castro Soromenho, romancista novo mas de mérito a quem foi conferido, pelo seu livro «Homens sem caminho», o 1.º prémio do curso de literatura colonial, organizada pela Agência Geral das Colónias.



Professor Reinaldo dos Santos, um dos grandes nomes da cirurgia portuguesa, agora nomeado director da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Homem de ciência de reputação internacional.



O general Aquilino Machado, sábio português de projecção mundial, recentemente falecido em Lisboa com cerca de 80 anos de idade. Deixou uma obra notável no domínio das ciências químico-físicas.

O CHEFE DO ESTADO *dirigiu uma, mensagem a* NAÇÃO



EM CIMA: O sr. Presidente da República lendo a mensagem. À direita, vê-se o Chefe do Estado e à esquerda o sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional. — EM BAIXO: O deputado sr. engenheiro Sebastião Ramires, na tribuna, saudando, em nome da Assembleia Nacional, o Chefe do Estado.



À DIREITA: À entrada do edifício da Assembleia Nacional, os Chefes do Estado e do Governo, passaram revista à força da Guarda Republicana. EM BAIXO: Os membros do Governo, os deputados e os procuradores, ouviram de pé, a leitura da mensagem do sr. general Carmona.



NO
PALACIO
DE
S. BENTO



INICIOU-SE
A TERCEIRA
LEGISLATURA



OS NOVOS
DEPUTADOS
E OS NOVOS
PROCURADORES



As gravuras mostram-nos alguns dos novos deputados e procuradores no dia da abertura dos trabalhos da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa.—AO ALTO: Os deputados Sá Linhares e Quelhas de Lima, e o procurador Vasco de Orey (ao centro).—AO CENTRO: Entre outros vêem-se os seguintes deputados: dr. Manuel Múrias, engenheiro Silva Dias, dr. Artur Oliveira Ramos, dr. Rodrigues Cavalheiro, Ribeiro Ferreira, Rocha Paris e Salvador Nunes Teixeira.—EM CIMA: Os procuradores dr. Soares da Fonseca, engenheiro Alvarez Ribeiro e Jaime Pinto.— A ESQUERDA: no primeiro plano:



Uma inter-rogação sobre o mundo

por Francisco Velloso

NOS últimos sete dias, os acontecimentos internacionais, convergidos, como em a valanche, ao vasto quadro geográfico-estratégico do Mediterrâneo, reviraram toda a equação da guerra

A partir de Junho de 1941, onde se falava de Londres e da defesa das ilhas, passou a falar-se da defesa de Moscovo. A partir de 8 de Novembro de 1942, onde se falava da defesa de Moscovo e de Estalinegrado e do Cáucaso, passou a falar-se de Washington e da ofensiva aliada no Norte de África e no Mediterrâneo. A série dos nomes ilustres que encimam os mais subidos postos da condução dos Estados, acrescenta-se o de um general-diplomata de primeira classe — o de Eisenhower.

De repente, a nova fase da guerra, que desde Julho vinha a gerar-se entre os desgastes tremendos da luta na frente leste e o aceleramento em alta febre das oficinas industriais anglo-russo-americanas, abre-se em pleno. A guerra de ontem, a guerra de três anos, encerrou o seu período.

AS FACES DO PLEITO



ROOSEVELT

Um dos mais autorizados e serenos comentadores franceses do pleito militar, escrevia ao desfechar o segundo meado de Outubro estas considerações que é singularmente oportuno fazer ler.

«Os últimos acontecimentos militares, confirmam a impressão de que a campanha do verão de 1942 dera, desde seu início, a saber que a guerra entrara definitivamente numa fase de equilíbrio e resistência russa, as acções cénicas no Pacífico; eram outros tantos factos característicos duma situação em que se vê os exércitos do Eixo perdendo, pouco a pouco, a vantagem da iniciativa». E objectivamente e sem desvio de análise a frio, continuava: «Desde então, o problema decisivo põe-se nos termos seguintes: — os Aliados têm de progredir, multiplicando as acções, na rota que os conduza à posse total da iniciativa; e para o Eixo trata-se de fazer frente a essa crescente ameaça que pode levar os seus exércitos a uma fase crítica. Para ambos os partidos em luta, o factor decisivo será, portanto, a maior ou menor amplitude que tomar a suprema mobilização das forças disponíveis. Para qualquer deles trata-se de adaptar a estratégia às possibilidades criadas por esta mobilização final.

A indispensável condição, a

superioridade nos meios de guerra, está actualmente a criar-se. Fôrças anglo-saxónicas, incessantemente a crescerem, aguardam a hora de serem empenhadas. A importância destes recursos, temporariamente sem emprego, traduz-se na maneira como o problema da Nova Frente, problema decisivo nesta fase da guerra, está posto na opinião mundial.

Nesta directriz joram os actuais acontecimentos.

Com percuente pontaria, o movimento do 8.º exército, e mais ainda, ou até acima de tudo, a expedição surpreendente que Roosevelt lêz desembarcar na África Francesa, derrubaram essa muralha e puseram a descoberto o «bastião germânico».

Eis as duas faces do problema neste meado do derradeiro mês do ano. O problema napoleónico posto d'outra maneira, mas essencialmente nos mesmos termos.

A oitava que termina, mostra-o descompartado. Foi um prólogo a desdobrar-se. As Nações Unidas formaram os apanchos para um assalto, diante do sector mais acessível das muralhas inimigas. Hitler correu a cobrir os baixos.

OS BRAÇOS DA TENAZ



EISENHOWER

A 14, o general Eisenhower — já criado o 1.º exército sob a chefia de Anderson, com americanos e os ingleses desembarcados atrás destes em grande número, uns e outros resforçados pelo exército francês que, depois do pacto de Arzel, vem alinhar sob a espada de Giraud — faz marchar aquelas fôrças para leste, ao longo da costa até Bône e Bougie. Apparentemente antevê-se uma corrida para Bizerta, a pistola apontada à Itália, como alguém, parafrazeando o dito de Bonaparte acerca de Antuérpia contra a Inglaterra, chamou à magnífica base naval tunisiana. Mas se assim foi, como escrevemos, o alemão chegara primeiro. A 12 já tinham desido no aeródromo de El Aluina, situado fora da cidade.

O «Essen Zeitung», órgão de Goering, revelava que os alemães já fortificavam essa base e o aeródromo de Karuba. A batalha aérea começava. Os Aliados bombardeavam Génova e a Sardenha. A 17 já Anderson transpusera as fronteiras do protectorado, onde o general francês Barré, depois de recusar dois ultimos alemães, passava ao ataque com «carné-rie», reproduzido em outras cidades por tropas e civis de patriotas franceses.

E a frente da ofensiva de Anderson desenvolve-se por três movimentos de investida, um ao longo do litoral, que a 20 tinha o primeiro

reconto vitorioso de «tanks» com outros blindados alemães a 48 quilómetros de Bizerta; outro pelo centro-este da Tunísia visando a Gabés e a Elax, o qual não consegue delender a primeira destas cidades de um desembarque alemão a 18 ou 19, mas que se apodera dos acessos à segunda, cortando, como diziam de Berlin, o território ao meio; o terceiro, ao que parece, ainda menos acentuado, que, sobretudo com aviação, bombardeia todas as comunicações do sul com a zona de Tripoli.

Este, o braço ocidental da tenaz. O oriental, que o pulso de Montgomery força na marcha do 8.º exército, devido talvez ao maior volume de tropas a mover numa área incensurável como a do deserto líbico, e à necessidade de chegar sempre e prudentemente em forma a áreas de choque com o restante do «Afrika Korps», não acusa uma celeridade proporcional à do 1.º exército de Anderson.

A 15 e 16 ocupa os aeródromos alemães meio destruídos, como as estradas da retirada de Rommel, nos quais ainda se apodera de centenas de aviões e outro despojo mais ou menos utilizável. De Gazala, onde passara na véspera, flanqueia Derna, ultrapassa Timini, e começa a encurvar toda a ala esquerda na direcção de El Aghela, ao fundo, do Golfo da Grande Sirte, ameaçando o movimento de calculada cobertura que os alemães esboçam em Bengazi, e que estes não sustentam porque: já em riscos de se serem colhidos na estrada costeira, do alto da escarpa de Sceledicim, abandonam a cidade e o porto a 19 e 20, depois de lá efectuarem destruições, enquanto a maior parte do exército retirante já entrava nas fortificações levantadas entre El Arheila e Agedabia.

No dia 20, prevenia um correspondente de guerra britânico junto do 8.º exército de que este haveria de retardar a marcha, atentas a falta de comunicações fideis e a imperiosa indispensabilidade de se manter sem perdas o curso normal dos transportes e abastecimentos, dos blindados e da aviação.

A par desta, desenrola-se já pelo ar a batalha do Mediterrâneo Ocidental, e só pelo ar porque as fôrças navais aliadas, com o reforço de unidades francesas, parecem dominar ainda, a despeito dos submarinos alemães, segundo anunciou Knox a 20, se aglomerarem à boca dos Estreitos, o que aumenta as previsões de inevitáveis choques entre esquadras — a outra face deste litígio mediterrâneo, e porventura aquela que mais nêlo pode influir, depois das vitórias aliadas em terra africana.

O EPICENTRO



HITLER

Diante destes factos, argue-se agora o ser ou não ser da guerra, numa inter-rogação que todo o Mundo formula.

A Alemanha, e quem profere o seu nome poder-se-ia, fala de todas as nações do Eixo que ela em si funde, tem de bater-se, e dentro de pouco tempo, a leste com russos, reforçados pelo exército siberiano que Berlin já anuncia a recomendar a frente extensíssima; tem de bater-se n'outra nova frente, muito mais extensa, do Mediterrâneo, que vai desde Gibraltar, pela fronteira pirenaica, até aos Dardanelos e à costa litorânea da Síria e, pela Transjordânia, às portas orientais do Egipto.

A inter-rogação é se Hitler adoptará uma defensiva ou reagirá, como costuma, a fundo, em ofensiva, e, neste caso, e, sobretudo, por onde o poderá fazer.

O chefe alemão, dizem todos os que com êle privaram, possui enorme riqueza de intuições. O presidente norte-americano e do primeiro ministro inglês sabiam bem que a imediata consequência do desembarque e posse da África Francesa seria a ocupação da França.

Tudo isto, porém, decorre lateralmente ao epicentro desta convulsão sísmica: — por onde reagirá a Alemanha?

E no amplo panorama do Mediterrâneo, surgem intensos preparativos alemães no Mediterrâneo oriental, minando a zona da fronteira greco-turca até Salónica e, petechando as defesas desta baía e da de Cassandra, e bem assim juntando fôrças, parte das quais provindas de Solia, em Creta, e na linha litorânea do Egeu, e no porto do Pireu, estando os italianos a reforçar as suas bases do Dodecaneso, sintomas da larga e violenta tempestade que assola de lés a lés o grande mar latino, e da não menos dura perspectiva dos acontecimentos futuros, da qual Cripps deu aviso advertente à Câmara dos Comuns, repetido no dia 18 por Churchill em allocução, ao visitar a sua antiga escola de Harrow.

No dia seguinte, 10 divisões húngaras, seguidas de 13 alemãs, passavam para a Grécia.

No sensacional artigo do ilustre Ward Price, no «Daily Mail», de Londres, que a «Vida Mundial» de 21 publicou traduzido e cuja leitura imediatamente e sem perda de tempo se recomenda, lê-se:

«Se Hitler se exibir contra o Exército Vermelho...

(Continua na pág. 16)

O que nos disse Maria Lalande e Manuela de Azevedo e escreveu

MARIA Lalande, não tenha medo, pode falar à vontade, que eu só digo aos meus leitores... Ela sorriu, recostou-se melhor no «divan» e insistiu:

— Mas é que não tem importância nenhuma... Sou uma artista como qualquer outra — ou melhor: com uma carreira igual à das outras artistas...

— Há quantos anos trabalha no teatro?

— Há onze...

— E veio por espontânea vocação artística?

— Sou um bocado de idéias... imprevisitas... Um dia, andava eu no 4.º ano do liceu, quando de repente me lembrei: vou para o Conservatório! Foi um escândalo

«em família». Mas eu não sou sómente a tal pessoa de idéias imprevisitas. Também sou teimosa: fui para o Conservatório, na idéia de frequentar a escola de dança. Minha família julgava que aquilo não passaria de um contratempo de ocasião e por isso naturalmente consentiu... O pior...

— Ah! houve um «pior»...

— Ou melhor, como quiser... Não sei se sabe que é preciso prestar umas poucas de provas, para se poder ser admitido... Os examinadores começaram a achar graça à minha voz, à minha maneira de dizer, à minha idade e acabaram por me aconselhar o teatro declamado...

— E então...

— Fiz o curso, ganhei todos os prémios e obtive as melhores classificações.

— A porta estava aberta...

— A porta, não, as portas: uma

para sair do Conservatório, outra para entrar no Nacional, pela mão de Amélia Rey Colaço...

— E em que peça se estreou?

— No «Romance». Um papelinho simpático, no prólogo... É esquisito, não acha? Mas ache que fiquei toda a vida no prólogo!...

— Qual?

— Do «Romance»!...

— De amor?

— Nesse nunca entrei!

— Nem pensa em casar?

As pestanas de Maria Lalande estremeceem. A voz também mas a actriz sobrepõe-se e não deixa que a mulher se atraíço.

— Não. O teatro leva-me todas as horas de preocupações sérias. Pode ser que algum dia, quando me tiver desiludido desta paixão que é arte...

— Não acredito nessa desilusão...

— Mas pode ser que tenha, então, a ilusão do casamento...

Fecho o escaminho secreto das emoções mais íntimas da mulher que está a digladiar-se com a minha curiosidade e volto à actriz:

— Posso perguntar-lhe qual foi o papel que desempenhou com mais gosto?

— Em «Tá Mar», do dr. Alfredo Cortez...

— E posso perguntar-lhe qual foi o papel que menos gostou de fazer?

— Pode, porque eu digo-lhe que foi o que me coube em «Pegadas na areia», a peça com que me estreei no Nacional, já como artista. Sim, porque no «Romance» trabalhei antes de completar o curso. A companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro seguia, logo depois, para o Brasil e só fui contratada no seu regresso.

— E do Conservatório, tirou bons ensinamentos?

— Evidentemente. Creio mesmo que teria muitas dificuldades mais difíceis, se não tivesse ali recebido certos ensinamentos. Entretanto, eu lhe digo: se a gente não tiver cá dentro alguma coisa que nos personalize, que nos aconselhe, muito dificilmente conseguiremos ser artistas com o que aprendemos no Conservatório...

— Portanto, o curso não é preciso...

— Não disse isso, porque não posso ir tão longe...

— E a respeito de cultura geral?

— Ah! isso entendo que não se pode ser hoje uma artista completa, sem um certo contacto com assuntos de cultura de ordem geral. Representar Pirandello não é o mesmo que representar o autor da «Morgadinha do Vale Flor», por exemplo... Os autores modernos exigem dos intérpretes não só inteligência e arte, mas, também, como direi?, como que um complexo de conhecimentos básicos

que formam, por assim dizer, o lado subjectivo da estrutura teatral. E quando me refiro à estrutura teatral, não quero referir-me, evidentemente, ao que constitue o arranjo de cena, a marcação, etc., mas também aquilo que diz respeito à interpretação e à emoção dos intérpretes...

— Vejo que Pirandello é para si um senhor muito respeitável. E quais são os autores que prefere?

— Gosto de interpretar Bernstein. No fundo, os papéis trágicos ou, pelo menos, dramáticos são os que mais me impressionam.

— E dos autores portugueses?

— Enfim, devia dizer-lhe que aprecio todos, porque todos fazem por nos dar da melhor que podem... Mas, é destas coisas... Aqui tem: Alfredo Cortez, Ramada Curto, Carlos Selvagem...

Maria Lalande levantou-se para fechar a porta do seu gabinetezinho, por onde pode sair alguma afirmação indiscreta. E, enquanto fecha a porta:

— Ah! É verdade, não é um elogio de «família». Mas gosto de meu cunhado, o Armando Vieira Pinto, nas suas «Coristas»...

— Certamente sabe de que artistas gosta mais...

— De Palmira Bastos, de Lucília Simões, de Amélia Rey Colaço, de Adellina Abranches...

— Gostaria de ser como alguma delas?

— Ah! isso é que não... Elas têm a sua arte, a sua personalidade, eu gostarei de ter a minha arte e a minha personalidade...

— Admiradora, admiradora, mas essas coisas à parte...

— Pois!

— Como estuda os seus papéis?

— Tenho vergonha de dizer...

— Diga...

— Na cama... Deito-me tarde, levanto-me tarde... Sempre estou mais repousada...

— Como faz?

— Não custa nada. Olhe, quer ver? Abro o caderno, leio uma ou duas vezes em voz alta e fica tudo «cá»...

— À porta fechada?

— Com certeza. Só à porta fechada.

— E se se lembrar que podem estar a espreitar ao buraco da fechadura?

— Ai, isso faz-me uma impressão enorme! Atrapalho-me e, enquanto não vou ver que não está lá ninguém, não consigo continuar...

Instintivamente, os meus olhos e os de Maria Lalande voltam-se para a fechadura mas nenhuma de nós se atreve a ir ver que não está ninguém...

— A Maria Lalande que está no nosso primeiro teatro de declamação é que podia dizer-me o que pensa de dignidade artística...

— Ora essa, a dignidade artis-



tica o que é senão a dignidade moral do indivíduo? Não acha que a dignidade artística é apenas uma expressão da dignidade humana?

— Não sou eu a entrevistada... Portanto, diga-me: parece-lhe bem que certos grandes artistas, desses que já são considerados de primeira plana, gastem as suas «férias» representando em retiros e pavilhões à «média luz»?

— Eu não acho bem. Um artista, nessas condições, tem responsabilidades tomadas para consigo e para com o público e a que não pode fugir sem desdouro próprio. É certo que um artista é obrigado a uma vida de despesas que dificilmente o seu ordenado de uma época comporta. As actrizes, principalmente, têm uma despesa doida com as «toilettes» de cena, mas...

— Condena?

— A não ser, em casos muito excepcionais... Adeline Abranches, que é uma reliquia do nosso teatro... Em todo o caso faz pena, não acha?

É a segunda vez que Maria Lalande me interroga. Mas eu desfaroço e pergunto:

— É verdade que puseram à sua disposição e à disposição de Villaret, capital para uma nova empresa de teatro?

— É verdade. Mas não há nada de positivo. Ou, antes: creio que na proposta não havia ainda nada de concreto...

— Mas se houvesse...

— Desde que o negócio oferecesse base sólida e estável...

— Mesmo contra o Nacional, onde está bem...

— A favor da minha arte...

O diálogo perde o ritmo dedutivo e indutivo:

— No verão houve uma tentativa de «teatro dos novos»...

— Como tentativa achei interessante e simpático e gostaria que se fizesse alguma coisa mais definida, sob esse aspecto...

— Também se fala de uma companhia constituída por elementos novos, saídos do Conservatório...

— Também acho muito simpático como idéia e desde que os animes uma intenção de arte séria... Os novos precisam de se amparar uns aos outros. É certo que a experiência longa é a melhor moldadora da consideração artística. Mas não devemos esquecer-nos de que, entre nós, uma actriz só geralmente consegue nome quando envelhece.

— Talvez por isso as nossas ingénuas e damas-gaúds estão quasi todas em idade de ser avós...

Maria Lalande cala-se: a palavra é de prata e o silêncio é de ouro.

— Acha que o teatro necessita de novos valores?

— Indiscutivelmente. Mas, bem vê: cada vez acho essa renovação mais difícil...

— Por quê?

— A instabilidade de tudo que hoje anda ligada a assuntos de teatro: empresas e companhias desmontáveis, como as barraquinhas de feira, artistas deslocados do seu «emploi», ora na revista, ora no teatro declamado...

— É a respeito da produção? Acha que as peças melhoraram?

— De um modo geral, pioram. Assuntos já conhecidos e voltados do avesso... certa falta de originalidade, tanto na produção nacional, como na estrangeira, pequena como a nossa, neste momento... Enfim, toda esta instabilidade, esta incerteza pelo dia de amanhã não convidam os elemen-

tos ignorados a ingressar no teatro. Se assim não fôsse, os concursos teatrais não teriam mais êxito? Creio que o subsídio às empresas artísticas seria uma contribuição boa para ajudar a restabelecer a ordem e uma certa estabilidade.

— E o cinema?

— Como artista, não me interessa. Não sou fotogénica. Duas experiências bastaram-me...

E Maria Lalande recorda os «Campos do Ribatejo».

— Era uma miúda de 16 ou 17 anos... Lembro-me que nunca comi tanta bolacha como então, só para não me juntar à equipa dos meus camaradas e colaboradores... Tinha vergonha...

— Com certeza que lê as críticas...

— Todos os artistas, no dia seguinte à estreia, esperam com avidez o que dizem os críticos...

— Nunca tem medo do que vai ler?

— Quasi sempre os críticos estão de acordo comigo...

— Acha que a crítica exerce alguma função séria?

Maria Lalande pestaneja e hesita. Eu pisco a sua hesitação que se escapa como o ar.

— Pode dizer. Eu não faço crítica...

E logo ela:

— Se não tem função séria devia, devia ter...

Não insisto, que é melhor e a Maria Lalande tem amigos que não quer ofender:

— Está sempre de acordo com a opinião dos críticos?

— Quasi sempre, já disse...

— Mas já alguma vez se emendou a seu conselho?

— O que um me diz é desdito pelo outro...

Não há dúvida: a crítica dos críticos é ingrata:

— Comigo só têm sido amáveis: umas vezes porque me elogiam, outras vezes, porque não dizem nada...

Pergunto a Maria Lalande se ela, nova, engraçada, com aquele ar «exquis», não tem os seus admiradores, desses que mandam ramos de flores com bilhetes a escaldar de «amor ou de morte!» Mas ela ri-se muito e diz que não:

— Na minha carreira não há nenhuma dessas manifestação de amor. De resto, no sossêgo do meu camarim só entram muito poucas pessoas e essas poucas muito «sérias», como o sr. Alonzo Lopes Vieira — pessoas amáveis, mas não amadas...

— E as crianças?

— Gostam de mim como eu gosto delas. Uma vez — estava eu a fazer a «Maria Migalha», de Virgínia Lopes de Mendonça e Lúria Chaves — meti-me num carro eléctrico, quando daí a pouco ouvi uma vozita: «Maria Migalha... Olhei, era uma miudinha dos seus cinco anos que me reconheceu e dizia: «Lá te vi, Maria Migalha... tive tanta pena de ti... apanhavas tanta pancada...» E, quando se foi embora, enterneceu-me até às lágrimas, porque senti que eu entrara bem na alma das crianças, a miudinha, já de pé, no meio do carro, de mãozinha estendida a gritar-me: «Coitadinha de ti, toma lá um beijinho!...»

Maria Lalande ri-se. Mas no seu riso há lágrimas da mulher que ama os filhos que os não tem e da artista que se «encontra» no público que a escuta...

— Qual é o seu actor preferido?

— Alves da Cunha! Um actor à parte que eu aprecio de maneira toda à parte.

— A Maria Lalande esteve no



Brasil...

— E como eu gostei de lá estar! Que simpáticos que são os brasileiros!

— Amélia Rey Colaço não trouxe ramos de flores com bilhetes a escaldar de «amor ou de morte!»

— Mas ela ri-se muito e diz que não: «Na minha carreira não há nenhuma dessas manifestação de amor. De resto, no sossêgo do meu camarim só entram muito poucas pessoas e essas poucas muito «sérias», como o sr. Alonzo Lopes Vieira — pessoas amáveis, mas não amadas...»

* * *

Em Portugal a subida dos artistas de teatro é lenta — e não será a dos escritores também penosa e lenta? — a glória só chega quando os outros têm dado passagem aos mais novos e a glória a eles próprios desprezou. A emoção da mocidade, essa seiva fresca e sábia que é criadora e redemptora queima-se na luta pela posse. E quando a posse vem — depõem-se as armas vitoriosas, porque se perdeu na luta o melhor da vida: a mocidade, a emoção, feitas cordas sem música de um instrumento vibrante que é a arte...

Maria Lalande, demónio pequenino, com um logo que é arte a

querer irromper cada vez mais alto — vive a culminância da sua mocidade. Entrou no vértice de uma vida que não quer perder e que merece que não seja perdida.

Para onde a levará a sua arte, a sua mocidade, o seu destino?

Ela fica-se a sonhar, de olhos semi-cerrados — mas logo eu lhe toco no ombro:

— Ouça lá, quando estuda os papeis na cama, como ensaia os gestos?

— Não ensaio. Isso tudo tem que ser feito com certa espontaneidade... Eu sei que há artistas que até vão para diante do espelho estudar atitudes e fazer caras bonitas...

— Diga, diga, quem são...

— Que idéia, não digo...

— Então invento!

— Pela sua rica saúdinha não vá comprometer-me!...

* * *

E aqui está porque Maria Lalande não chegou a dar-me a entrevista: não quis comprometer-se...

LEIA TODOS OS SÁBADOS
VIDA MUNDIAL

Giraud,

O homem que tenta sempre o impossível

A França, país de nobres tradições e de grandes figuras militares, está a passar o pior momento da sua história—desde a memorável derrota de 1870. Aquela França que em tempos dominou o Velho Continente desde a ponta mais ocidental da Europa até às planícies gelaças da Rússia, sofre, as piores condições, as agruras e desgraças que provocou, com tanto orgulho, nessa época esplendorosa que foi a era napoleônica.

Um país com uma história detentora de períodos como esse, pode ter, como todos os outros, os seus altos e baixos, mas o seu espírito combativo não morre nunca e alguns dos seus filhos, tal como os vencedores de outrora, sabem dominar a adversidade e procurar restabelecer no mais curto espaço de tempo possível o prestígio e a força perdidos.

Entre aqueles que na actual conjuntura, se apresentam com maior soma de qualidades dignas de apreço e de admiração mundiais, destaca-se a figura nobre e heróica do general Giraud, militar na verdadeira acepção da palavra que nunca se conformou com a derrota da sua Pátria.

O nome do actual herói público N.º 1 da França não começou a adquirir celebridade no presente conflito. O seu espírito irrequieto e aventureiro já o tornara um dos oficiais mais queridos e admirados da sua geração, muito antes de se ter desenvolvido na Europa o ambiente guerreiro que tem sido a característica dominante do momento que passa.

Pouco antes de estalarem as hostilidades, o prestígio militar do General Giraud era já tão grande que o sr. Paul Raynaud se referiu a ele, em plena Câmara dos Deputados, como sendo «le plus étonnant spécimen d'animal de combat que j'aie jamais rencontré».

Esta fama de que o nome de Henri Honore Giraud estava aureolado não era fictícia, como sucedia com a de outros chefes militares franceses que foram encarregados de organizar a defesa do país em fins de 1939 e princípios de 1940, mas sim fruto das invulgares proezas por ele realizadas em diferentes campos de batalha.

O primeiro grande conflito mundial veio encontrar Giraud no posto de capitão, a comandar uma companhia de infantaria. Durante a batalha de Guise, em 1914, Giraud tombou no momento em que a luta era mais acesa e foi dado como morto.

Porém, as coisas passaram-se doutra maneira; Giraud fôra apenas ferido num pulmão, recolhido

e tratado pelos alemães, que, como era natural, o internaram num campo de concentração. O jovem capitão que contava então trinta e seis anos, não se conformava com a sua nova situação e, logo que se encontrou completamente restabelecido, preparou a fuga. Para esse efeito, envergou umas vestes de carneiro e, assim disfarçado, conseguiu evadir-se do campo de concentração numa brumosa manhã do outono de 1915.

passou ao Norte de África, onde a sua acção militar se fez sentir de forma notável. Durante a campanha do Riff, já com a patente de coronel, comandou o famoso Décimo Quarto Regimento de «Tirailleurs Nord Africains» e foi ele quem prendeu o famigerado Abdel Krim.

Durante as campanhas marroquinas, Giraud foi ferido mais duas vezes e as suas últimas façanhas em África, realizadas em estreita colaboração com o general Catroux, ti-

elaborado nessa altura e cujas consequências foram desastrosas, em virtude da ruptura da frente de Sedan.

Quando o general Weygand encarregou o general Giraud do comando do desorganizado 9.º Exército, todos confiaram em que a sua enérgica perícia galvanizasse os restos daquelas desmanteladas tropas de forma a opor um dique à invasão. Não teve, porém, oportunidade de manifestar mais uma vez as suas invulgares qualidades de chefe e de organizador; quando seguia num «tank», em 21 de Maio de 1940, a fazer a sua primeira inspecção à frente de batalha, foi cercado e «prisionado» por uma formação de «tanks» alemães que se haviam infiltrado através das linhas francesas.

Giraud foi, então, levado para a fortaleza de Koenigstein, onde já se encontravam prisioneiros muitos generais e almirantes franceses, polacos e noruegueses. Contudo, como já se provára na outra guerra, Giraud não era pessoa para se conformar, sem reagir, com uma situação desta natureza; não lhe soffria o ânimo estar inactivo quando a sua Pátria mais carecia da sua energia e esforço combativo.

Por este motivo planeou nova evasão, que teve lugar em Abril deste ano e na qual manifestou audacioso engenho e ânimo viril. Segundo alguns relatos, Giraud teria fugido por uma das janelas da fortaleza, descendo a pulso uma corda com mais de 20 metros de comprimento—façanha que para um indivíduo de 64 anos não é, certamente, fácil. Mas a verdade é que os pormenores da fuga não são ainda bem conhecidos nem o serão provavelmente senão depois da guerra.

De certeza, apenas se sabe que o general atravessou a fronteira suíça disfarçado de camponês no dia 21 de Abril. O receio provocado entre os alemães pela fuga de Giraud está cabalmente demonstrado pelo facto de lhe terem pôsto a cabeça a prémio, avaliando-a em 100 mil marcos.

A 26 de Abril, todavia, já Giraud se encontrava na França não ocupada e conferenciava com Laval que o acusou de lhe haver escangalhado os primeiros planos de colaboração com a Alemanha. O Chefe do Governo de Vichy acrescentou que os nazis exigiam o regresso imediato do general a Koenigstein e preparou uma entrevista entre Giraud e o general Von Stuepnagel, que era nessa altura o comandante do exército de ocupação. Giraud aceitou a entrevista e, segundo alguns relatos, ter-se-iam trocado as seguintes palavras:

—«Vós tinheis dado a vossa palavra de que não tentariéis fugir. Não cumpristes a vossa promessa.

(Continua na pág. 22)



Depois de ter dado conhecimento aos seus superiores das informações militares de que conseguira apossar-se, Giraud apresentou-se novamente ao serviço activo e foi destacado para comandar o Quarto Batalhão de Zuavos, à frente do qual tomou parte na reconquista do Forte de Malmaison, em Outubro de 1917.

Terminada aquela guerra, Giraud

veram como resultado a pacificação do sul de Marrocos em 1934.

Em 1939, nas vésperas do rompimento das hostilidades, Giraud estava encarregado do comando da 6.ª Região e era o governador militar de Metz. Quando a guerra estalou, foi-lhe confiada a chefia do 7.º Exército, que teve por missão travar combate com os alemães nos Países Baixos, segundo um plano

Entre nós



Ao sr. Bernardino Correia, presidente do Conselho de Administração da Companhia Colonial de Navegação, por motivo da passagem do 20.º aniversário da fundação daquela empresa, foi prestada uma homenagem pela sua grande actividade e serviços prestados. A sua volta juntaram-se, nesse dia, não só muitos empregados da Companhia como os seus colegas dos conselhos de administração e fiscal e do delegado do Governo, sr. dr. Soares da Fonseca.

O gerente, sr. Raúl Vieira, salientou que aquela data era para todos acontecimento de relevo, razão para que, imantados pelo mesmo sentimento de solidariedade, tivessem deliberado tributar aquela manifestação de simpatia a quem tanto tem feito pela empresa, vencendo por vezes dificuldades consideradas intranponíveis.

Depois o sr. José Antunes Pereira leu uma mensagem do pessoal.



O funeral de Alfredo da Cunha — antigo director do «Diário de Notícias» — constituiu uma grandiosa manifestação de saudade. Centenas de pessoas acompanharam o féretro até ao cemitério, numa grande manifestação de pesar e de admiração pelo académico, escritor e jornalista, pelo homem e pelo amigo. Académicos, professores universitários e muitas outras figuras de relevo nos meios intelectual e social, e com elles pessoas mais modestas e bastantes senhoras, assistiram à saída do corpo da igreja de N. S. de Fátima, acompanhando-o ao cemitério. Houve lágrimas nos olhos de amigos quando o cadáver, em modesto caixão, desceu à cova aberta nas traseiras do jazigo de família — no espaço reservado pelo próprio extinto para sua sepultura.



No Ateneu Comercial realizou-se há dias uma sessão para distribuição de 150 diplomas de condutores de viaturas a gás pobre. Os novos diplomados são motoristas que frequentaram o curso que funciona no Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, e foi criado por iniciativa deste organismo corporativo. Ao acto presidiu o sr. engenheiro Eduardo Ferreira da Silva, delegado do Governo junto do G. I. T. A. e assistiram as direcções do organismo que criou o curso; dos Serviços de Viação; do Automóvel Club de Portugal; da Polícia de Trânsito; do Sindicato dos Motoristas e representantes do Instituto Nacional de Trabalho.



A direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, esteve há dias, em casa do grande pintor Veloso Salgado a apresentar-lhe cumprimentos. É dessa visita a foto que publicamos.

Figuras da Vida
MUNDIAL

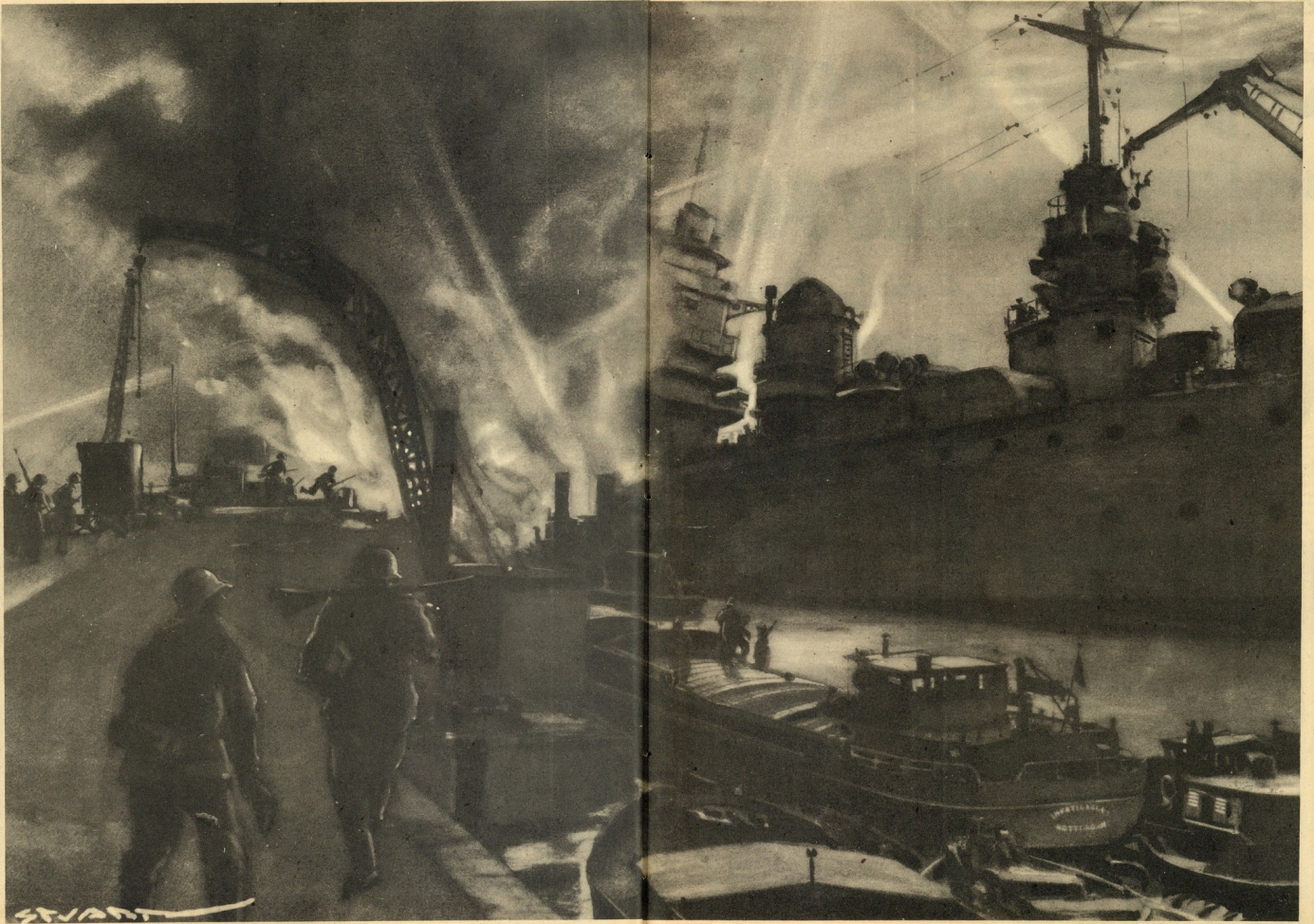


O ALMIRANTE DARLAN
(visto pelo caricaturista SANTANA)

Depois do desembarque das forças anglo-americanas chefiadas pelo General Eisenhower, a bandeira dos Estados Unidos da América flutua sobre uma velha fortaleza de Marrocos.



O dramático afundamento da esquadra francesa em Toulon



O «DUNKERQUE», NAVIO ALMIRANTE, NO MOMENTO DA EXPLOSÃO QUE O AFUNDOU

RECONSTITUIÇÃO DE STUART CARVALHAIS

A cidade e a selva

O que as feras pensam dos homens

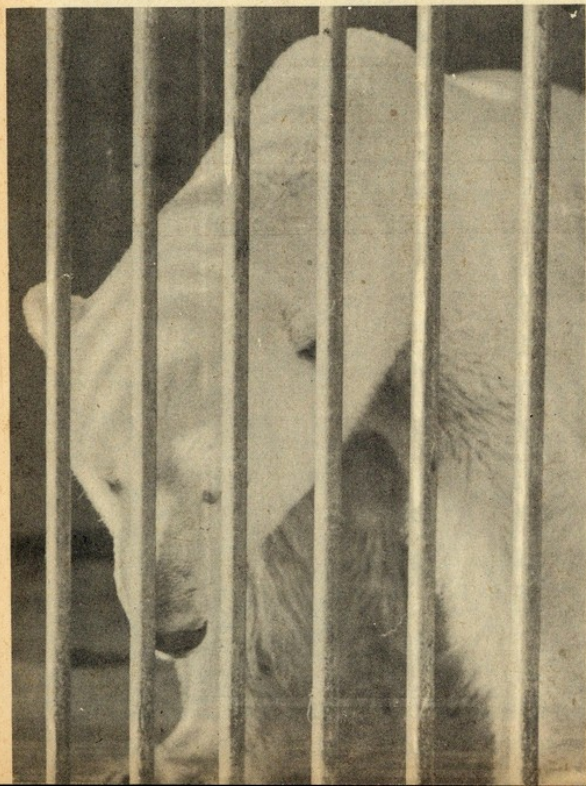
Um artigo inédito de Mario Galgouiro

OS jornais informam-nos de que fechou as suas portas a casa Louis Ruhe & C., de Hannover, conhecida como sendo a maior importadora e exportadora de animais ferozes em todo o mundo, dada a impossibilidade de continuar o seu negócio, uma vez que a guerra se está travando justamente no interior ou às portas dos países principais produtores de feras: a Rússia, a Malásia, a Austrália, a Nova Zelândia, etc.

Acrescentam os jornais que a notícia deixou consternados e em sérios embaraços os domadores que se exibem nos circos de todo o mundo e que não poderão renovar as suas colecções de tigres, leões, ursos e panteras.

Sinceramente confessamos que, sem esta informação, não nos teríamos lembrado da relação que existe entre a guerra e as feras e dos prejuízos que aquela pode causar à classe dos domadores.

Que estes estão consternados, já nós sabemos. Quanto às feras, é natural que se sintam contentes nas florestas da Oceânia e nas geleiras do Norte da Rússia, onde se ocultaram, fugidas ao ruído dos bombardeamentos e ao clarão dos incêndios. E também pode muito bem ser que lamentem ter paralisado o negócio em que eram principais interessadas, por verem



perdida a oportunidade de entrar em contacto com a nossa civilização e de estabelecer um confronto entre a sua ferocidade e a do «rei da criação».

Dada a impossibilidade de irmos ao seu encontro, para sabermos de verdade o que pensavam a tal respeito, resolvemos ir ao Jardim Zoológico interrogar as suas irmãs de raça, com tanto mais proveito, quanto é certo que estas, nesse largo contacto que têm tido com os homens estão mais aptas a falar d'elles e das aventuras em que andam envolvidas.

Ao contrário, porém, do que supunhamos, não foi tarefa fácil conversar com elas, encontrando em todas uma grande resistência, derivado do absoluto e manifesto desprezo que sentem pelo bicho homem.

Bastava que nos aproximássemos das grades das suas jaulas para que desviassem o olhos de nós, mantendo-se impassíveis às nossas solicitações e não dando, ou fingindo não dar, a mínima atenção às nossas perguntas.

O ENORME DESPREZO DOS TIGRES

Aproximámo-nos, da jaula dos tigres. O seu olhar vivo cintilou um momento na ânsia dum assalto, mas as pálpebras fecharam-se e elles ficaram como que adormecidos, alheios ao que se passava à sua volta. Despertámo-los com um grito e chamámos a sua atenção com um aceno. E como elles nos olhassem de soslaio, falámos-lhes também da guerra e pedimos-lhes que nos dessem sobre ela a sua opinião. Nas florestas virgens das ilhas do Pacífico troa como um clamor de maldição o ruído dos canhões. Mais uma vez o homem invadiu o domínio das feras na caça a outros homens. O que pensariam a esse respeito os tigres de Bornéu e de Hawai?

Foi como se os espicássemos. Ergueram-se num salto, elásticos e nervosos, mostrando-nos os dentes com raiva, e ficaram parados, os olhos fitos num ponto, dir-se-ia que à escuta do ruído das batalhas, do crepitar

dos incêndios. De quando em quando estremeciam dos pés à cabeça, o olhar fusilava-lhes, mas em breve voltaram a estender-se junto das grades, indiferentes e tristes.

Procurámos despertar nêles a recordação da vida livre de outrora, dos seus instintos à solta. Mas, olharam-nos com um desprêso infinito, seguros da sua superioridade, não conseguindo arrancar-lhes um rugido, que é como quem diz, uma palavra.

UMA OPINIÃO AUTORIZADA

Talvez os leões fossem mais comunicativos. Dada a sua categoria de reis dos animais, deviam ter uma opinião a tal respeito e seria natural que quisessem divulgá-la, para orientação dos seus súditos. Fomos, pois, ao seu encontro e, pedindo-lhes audiência, começámos a interrogá-los.

Receberam-nos de mau humor, não demonstrando pela nossa espécie a menor simpatia.

Fizemos-lhe perguntas sobre perguntas, sem que obtivéssemos qualquer resposta. O leão velho tinha um ar imponente com a sua juba enorme e uns olhos vivos e profundos. Mas estava impenetrável, como convém a um soberano, que sabe que só deve falar na hora própria e para dizer coisas que tenham o peso e o valor duma sentença.

A nossa reportagem ameaçava, porém, falhar completamente, e isso incomodava-nos, dispunha-nos mal.

Talvez não fosse muito protocolar insistir. Mas fingindo-nos ignorantes das leis que regulam as relações dos jornalistas com os reis, repetimos as nossas perguntas, no desejo de saber o que pensava sobre a guerra actual e os homens que a fazem.

O leão teve um gesto de enfado, espreguiçou-se, sacudiu a juba, e foi como que num bocejo que nos respondeu:

— São uns selvagens!

E voltou-nos as costas sem mais aquelas.

O QUE PENSAM OS NOSSOS ASCENDENTES

Resolvidos a interromper até ao dia seguinte o nosso inquérito, caminávamos em direcção até à saída do Jardim, quando calhou passarmos pelas jaulas dos chimpanzés. «Cuidado com estes animais», recomenda uma taboleta, a título de aviso. Parámos um instante, sem nenhum propósito de os ouvir, ao menos naquela tarde. Mas logo um deles nos olhou com curiosidade, como quem adivinhasse o que ali fôramos fazer, mostrando desejos de conversar. Era pitoresco, o bicho. Barrigudo como um bonzo, de olhos espertos e irónicos, estava de pé como um homem e viu-se que aguardava ansiosamente uma palavra nossa. Fizemos-lhe a vontade:

— Aqui, ao menos, sempre estás mais seguro que na Malásia. Aquilo para lá corre mal para vocês.

— É verdade — respondeu-nos imediatamente. — Mas a culpa não é nossa. Dir-se-ia que os homens se cansaram de perseguir-nos, passando a perseguir-se uns aos outros. Para nós, isso é bom. Enquanto eles andam entretidos nessa caçada, nós, os chamados animais inferiores, descansamos um pouco. Mas não deixamos de reconhecer que se mostram muito mais ferozes do que podíamos imaginar.

E com um ar de desgosto que nos surpreendeu:

— Para nós, chimpanzés, isso é uma vergonha.

— Porquê? — perguntámos.



— Porque — se Darwin tem razão na sua teoria da selecção, atri- buindo-nos a ascendência do homem, como queres tu que estejamos contentes com os actos dos teus semelhantes? Todo o nosso desejo seria que os homens fossem dignos continuadores nossos, em vez dos bárbaros que mostram ser. Onde foram eles aprender tanta fereza e tanta maldade? Não: não as receberam no nosso sangue, nem as beberam no nosso leite. Degeneraram, são a nossa vergonha e motivo de desprêso de todos nós. Parece impossível!

Queixámo-nos da maneira pouco amável como tínhamos sido recebidos até ali e manifestávamos, por êsse motivo, o nosso desgosto, quando uma gargalhada, um riso de troça, nos interrompeu. Partiu dum outro chimpanzé, que escutara a nossa conversa e, sem se poder conter, ria de vontade. Olhámo-lo irritados e perguntámos num ar de censura:

— Ris-te?

— Pois claro — retorquiu. — Não tens que te admirar da maneira como te recebem. Não se trata de te ser desagradável, a ti pessoalmente, mas à tua espécie, que é a vergonha de nós todos. Está tudo indignado com a demonstração de tanta barbaridade. E cada vez é maior o desprêso que todos sentem por vocês. Se ouvisses o que se tem dito por aí, já não te admiravas. Pode ser-se feroz — não está na nossa mão deixar de o ser — mas não tanto. É demais!

— Não há dúvida — confirmou o que primeiro falara conosco. — Sem quererem, sem darem por isso, os homens estão reabilitando a selva, transformando-a a estas horas num verdadeiro paraíso, comparada com o que se passa nos lugares civilizados.

— Razão tinha a minha avó Kate — conheces, a heroína do encantador romance de Ossendowski — em fugir da grande cidade onde vivera tantos anos na companhia dos homens, horrorizada com o que presenciara à sua volta, disposta a correr todos os riscos, para regressar à tranquilidade e à alegria da floresta donde saíra. «Os passageiros do vapor holandês *Kils-tron* viram no Atlântico um chimpanzé negro que nadava rapidamente para o sul, cortando a água com regularidade e aparecendo na crista das ondas altas. Nadava sem descanso e desapareceu na névoa rosada do sol...» Era ela, era Kate, a minha avó. Nas suas memórias que Ossendowski aproveitou para o seu livro, escreveu ela um dia: «A cidade assusta-me. É mais terrível do que a selva». E ela bem sabia a razão dessas palavras.

Por mais que procurássemos, não achávamos que responder. Compreendíamos que era do nosso dever manter o prestígio da espécie, mas não o conseguimos. E para pôr termo a uma situação angustiada resolvemos despedir-nos, acabar com a conversa.

Os chimpanzés olharam-nos com comiserção, e depois de se despedirem de nós, foi a título de conselho amigo que um deles nos disse:

— Olha, puseram aqui uma taboleta a recomendar: «Cuidado com estes animais». É um disfarce como outro qualquer. Nem tem o poder de nos indignar. Cuidado, porquê? Já te fizemos mal? Já te dissemos alguma coisa de subversivo? Lá fora, lá fora, é que todo o cuidado é pouco. O perigo para ti está no contacto que teimas em manter com o teu semelhante. Ouve e segue um conselho que te dou: previne-te contra êle, e se tens desejo de viver feliz e em paz, não tenhas medo, vai para a selva.

Perdemos a vontade de prosseguir no nosso inquérito. Já sabíamos de sobejo o que as feras pensam dos homens e da guerra em que andam empenhados. Para continuar a ouvir o que ouviríamos até ali, não valia a pena interrogar mais nenhum. A nossa espécie está positivamente desclassificada entre elas.

E não voltámos, por vergonha, ao Jardim Zoológico.



Uma interrogação sobre o mundo

(Continuação da pág. 5)

lho durante o inverno numa cadeia de posições «abrigadas», como sucedeu no ano passado, poderá retirar uma porção considerável dos seus aviões e soldados para enfrentar a nova ameaça proveniente do sul.

Para isso, tem três meios principais e possíveis de acção: 1—Se conseguir manter-se em Bizerta, poderá desembarcar os seus aviões e veículos coraçoados em Tunis, fazendo-nos assim a guerra no Norte de África; 2—Poderá atacar a Espanha para passar para Gibraltar. Desta forma impedirá-nos de usar o Pôrto de Gibraltar, base naval por nós utilizada nas operações do Norte de África. Com aeroplanos com base na Baía de Algeciras, tentaria tornar os estreitos tão mortíferos para a nossa navegação mercante como o Canal Siciliano; 3—Poderá atacar a Turquia por intermédio da Bulgária. Os turcos resistiriam sem dúvida nenhuma. Mas se Hitler pudesse adquirir o controle dos Dardanelos, salvaguardaria a sua posição no sul da Rússia, e, avançando na direcção da Síria e da Pérsia, teria possibilidades de arrastar os nossos esforços militares da extremidade ocidental do Mediterrâneo para a oriental.

Há ainda uma quarta possibilidade—mas depende de quatro «ses»: se Hitler conseguir obter o controle da forte esquadra francesa de Toulon; se essa esquadra estiver em condições de entrar em acção imediatamente; se Hitler puder dispor de tripulações dignas de confiança para esses navios; e se esta esquadra puder bater a esquadra britânica do Mediterrâneo. Então ele poderá impedir o abastecimento das tropas anglo-americanas da Algéria e da Tunísia e reduzir esses contingentes militares à mais precária inactividade.

Por isto acima acentuamos que se aproxima a hora dos almirantes aliados.

...E os rumores circulavam ao fim da oitava como vagas, quando nas cidades dos Estados Unidos soavam clamores de triunfo ao ser recebida a notícia retumbante da nova vitória naval da heróica esquadra de Nimitz, de Halsey e de Callaghan—este último tombado como Nelson, no convés desse assombroso coraçoadado «S. Francisco», que honra as flâmulas dos maiores almirantes do Mundo.

21-XI-42.

O GESTO DE TOULON



MONTGOMERY — um dos mais cheios de emoções durante o período já extenso desta guerra

—com um facto de extraordinária retumbância, e, para o caso, tanto mais impressionante quanto é se liga, e até responde, à hipótese que em terceiro lugar Ward Price formulou no trecho atrás transcrito do seu famoso artigo.

As primeiras horas da manhã do dia 27 de Novembro, quando as tropas alemãs e italianas entravam a ocupar a base militar de Toulon, o almirante Laborde que comandava em chefe as 63 belas unidades da esquadra francesa ali surta deu ordem para o afundamento dos navios. Nas pontes dos seus barcos os comandantes executam-na à uma. A maior parte deixa-se morrer e morre activamente nos seus portos. As 10 horas, do que foi a mais rica e poderosa metade da Armada francesa, só há cascos adornados, outros mal assomados à superfície, fumo, manchas de óleo boiando à tona das águas do pôrto, destroços.

Para dar tempo ao cumprimento desta ordem heróica, a marujada, à metralhadora, impede que as tropas alemãs e italianas invadam os barcos. Estas ripostaram. Houve feridos, mortos e prisioneiros. Muitos homens das tripulações, pereceram. Segundo as informações mais recentes, os barcos e rebocadores que não se afundavam rapidamente, foram acabados a tiro pelos outros e pelas baterias. Desde manhã que vagas de bombardeiros alemães sobrevoavam Toulon, despejando minas magnéticas à boca do pôrto para impedir a saída da esquadra para o mar, e bombas explosivas sobre as fortificações da base militar. Depósitos de munições, materiais em arsenal e combustíveis desapareciam nas explosões provocadas.

Hoje mesmo, podemos escrever com profunda emoção, ao evocar o gesto desses comandantes e marujos, que eles morreram assim, activamente, nos seus postos, à bela maneira heróica da velha França, e cremos que nesta hora, só há em torno do globo um zodiaco de admiração mundial, ao reencontrarmos no episódio de Toulon a forte fibra gaulesa que nunca se deslaçará sob a cascabelheira dos desastres, das ignomínias e das humilhações. Porque o mundo espera sempre pela França.

Sobrevindo no mesmo dia em que o 1.º exército do general Anderson prorrompia na Tunísia a ofensiva que vai abrir a grande batalha de África, sobre Tunes, Bizerta e os portos orientais do Protectorado—enquanto, após a descida de Bengazi e Agadabia, o 8.º exército de Montgomery, tocando as fortificações do «África

Korps» em El Agheila, se acumulava de forças e regula as vias dos seus abastecimentos para afrontar novos combates, por isso mesmo mais demorados—este acontecimento não fica à margem dos grandes sucessos da guerra. O caso de Toulon vale, é próprio, para o desfecho do conflito, o alto preço duma batalha e até de uma vitória. Vé-se isto, exactamente, revertendo os olhos atentos ao final do artigo de «Ward Price» a que já fizemos alusão oportuna, por esta mesma ordem de razões.

A LINHA DIVISÓRIA



PÉTAIN

Outro aspecto que ele reveste, sem o exceder em importância e volume, insere-o como caixilho de um quadro, dando-lhe o significado preciso, em extensão e profundidade. Aparece é claro na declaração dirigida a Pétain, em que Hitler explica os motivos que o determinaram a ocupar Toulon. Deve antes ser lembrado que tanto De Gaulle, no dia 11, como o almirante Darlan no dia 13, em apelos diferentes na origem e na qualidade mas coincidentes no espírito, conclamaram os chefes navais, um a «destruir e meter no fundo aeroplanos, barcos de guerra ou mercantes», outro, como chefe da Armada, e em nome do Marechal, a que «se não quisessem juntar-se às forças navais das nações aliadas, agissem de maneira a que as unidades de guerra da armada não caíssem nas mãos dos alemães». A estes apelos, escolheu o governante alemão, como resposta, isentar Toulon da ocupação militar da antiga «zona livre», confiando a esquadra à guarda dos seus comandos, em troca de estes declararem que «a esquadra defender-se-ia de qualquer agressão», ficando pois a grande base naval francesa considerada como «zona reservada».

Hitler na sua carta a Pétain filia directamente a sua decisão de ocupar Toulon naquela mesma «vasta desordem dos espíritos» que há dias o Marechal denunciava existente no país, e é de crer que em Vichy se prevessa o temesse algo de extraordinário em Toulon quando o prestigioso almirante Abrial, nomeado Secretário da Marinha, ainda no dia 20 ia ali, acompanhando o Marechal, tomar contacto oficial e conversar com os comandos da esquadra.

De facto, no dia 27, Hitler proclamou: 1.º, que multiplicaram-se faltas de palavra de honra dadas por oficiais superiores franceses; 2.º, que progredia uma campanha de excitação a favor dos Aliados nas fileiras do Exército francês, a qual se propagou às guarnições da esquadra de Toulon; 3.º, que Darlan é responsável pelos preparativos que se faziam para que a esquadra levantasse ferro;

4.º, que há contingentes pouco seguros no Exército francês. Conseqüentemente, dizia nesse mesmo dia o comunicado especial alemão, o Fuehrer e o Duce deram ordem para a ocupação imediata das fortalezas de Toulon; e Hitler, na sua carta a Pétain, dizia «esperar que será possível dar à França um novo exército, cujos oficiais, ao menos, obedecem ao chefe de Estado». Ao mesmo tempo, Hitler investia o marechal Von Runstedt em poderes «para tomar todas as medidas necessárias» e «tomar todas as decisões no território francês», poderes que o tornam «senhor pleno do país. A O. F. I., hoje controlada pela Alemanha, explicava de Vichy que o Fuehrer ordenara «a desmobilização imediata de todas as unidades da marinha e do exército francês», o que torna integral a ocupação alemã de toda a França.

A estes sinais demonstrativos da dolorosa situação em que se encontra a França e o Marechal Pétain, só há a acrescentar os que marcam a linha divisória entre o gesto de Laborde em Toulon e o critério seguido pelo governo de Laval em Vichy. E o primeiro é que, conforme informou a agência oficiosa francesa, controlada pela Alemanha, o almirante Laborde, ao fazer afundar, desobedeceu a ordens de Vichy. O segundo consta da declaração oficial de Laval acerca do incidente, segundo a qual, exactamente como Hitler afirma, aquele gesto é «conseqüência da falta de dignidade de certos chefes que ao mesmo tempo traíram a pátria e quebraram o seu juramento». O terceiro é o decreto que, como aconteceu a De Gaulle, a Catroux e outros chefes, tira a nacionalidade francesa a Darlan e a Giraud. É certo que o almirante é publicamente secundado por Nogué e outros generais, mas compreende-se que a este não o atingisse semelhante castigo, embora ainda há dias saudasse as tropas dos Estados Unidos perante o Sultão, dado o singularíssimo prestígio, herdado do seu mestre genial, Liautey, que o torna junto do soberano marroquino e por excelência (o facto está expresso pelas declarações do próprio Sultão ao almirante Platon, que aqui reproduzimos, em 1941, publicadas no Boletim da Residência) como o representante da França junto da sua corte e governo.

É, pois, conclusão maior a tirar de tudo isto uma diferenciação cada vez mais larga de critérios. E não deixa de ser digno de nota que—talvez como em Washington o presidente Roosevelt previsse ao ordenar a expedição à África do Norte—a própria força dos acontecimentos veio a juntar, expulsos por Vichy, Darlan e De Gaulle, quando este último se declarava em Londres incompatível com aquele. Parece realmente que Eisenhower não é só um general de primeira ordem, mas um diplomata de grande classe.

28-XI-42

o Silvinha das bolachas

NAQUELA tarde o José Silva—o Silvinha das Bolachas—como os amigos lhe chamavam, tinha explicado mais uma vez o seu plano de vida.

Porque, de facto, o Silvinha tinha um plano; um programa original, uma norma fixa que desde pequeno o orientava. A norma era não criar empecilhos, ser livre, absolutamente livre, viver sem as preocupações de toda a gente.

Na fábrica de bolachas onde o Silva era guarda-livros, todos respeitavam e invejavam aquela norma de proceder e abriam grandes olhos aprovadores quando o colega entrava em minúcias a explicar o seu programa.

—Meus, rapazes, tenho seis camisas. Três na gaveta, duas na lavadeira e uma no corpo. Peugas, dez. Nem mais um par. Malas nunca tive nem quero, porque não faço tenção de me mudar. E, no resto, sou assim. Sou assim em tudo, creiam. O homem, meus amigos, só é feliz pelo que deseja e é desgraçado pelo que possui. Parece asneira —mas não é.

E os colegas ficavam mudos de admiração a ouvi-lo. Sim. Realmente, o Silvinha sabia viver! Tinha sempre umas notas na carteira, andava bem pôsto, fumava bons cigarros e nunca se lhe enrugava a testa com o vinco das preocupações.

—Vocês pensam que eu admitia que o dinheiro, que a fortuna me servisse de empecilho? O dinheiro só é bom quando torna a gente livre. De contrário—é uma espigal!

Uma vez ou outra, o Gonçalves das contas-correntes, o seu mais íntimo, arriscava-se a contrariá-lo:

—Tu falas assim, Pepe, porque és sósinho, porque não tens família. Se tivesses mulher e filhos, pensavas de outra maneira.

—Família? Tu estás doido, Gonçalves! Então eu que sou órfão há dez anos havia de arranjar uma mulher que rabujasse a toda a hora e três ou quatro miúdos ranhosos que partissem tudo e fizessem um barulho dos diabos? Família, eu? Estás doido, rapaz! Isso é bom para ti que tens alma de santo ou de escravo. Família? Livra!...

Orá, naquela tarde, depois de ter cimentado mais uma vez com razões de peso o seu plano de vida, o Silvinha convidou o Gonçalves para irem jantar às hortas. Uma pãdega à antiga: peixe frito e salada, o clássico chispe com ervas, o pirzinho de arroz doce, a pinga do Cartaxo... A lista Marialva—com todos os matadores.

Foram e o jantar correu bem. «Uma quinta-feira da Ascensão bem passada...»—comentava o Gonçal-

ves a subir um pouco tonto para o carro Benfica-Restauradores.

Vieram por aí abaixo e batiam as nove quando se apearam em frente do Condes. O carro seguiu e eles ficaram no passeio a ver passar as mulheres, enquanto não eram horas de entrar para o cinema. Na esquina, um cauteleiro martelava os ouvidos dos passantes com a mesma lenga-lenga:

—Há horas felizes! É o 6264 para os quatrocentos contos! É o 6264!...

O Gonçalves que tinha um fraco pelos jogos de azar, agitava-se. O cauteleiro teimava: É o 6264! Há horas felizes! Quatrocentos contos!

O bilhete aberto tremia ao ven-

azamento que me quebre a sorte... Olha, Pepe, tu é que podias ficar com os três quartos. Era favor, porque eu contigo não enguiço e tenho um palpite danado para o raio do número.

O Silvinha riu-se. Ele a comprar lotaria! Ele!...

O Gonçalves, arreliado, continuava a murmurar:

—Tu ris-te porque nunca tiveste um palpite. Pois olha que podia ser o meu descanso. Cem contos eram a farturinha lá em casa. Os miúdos sempre lavados, a companhia bem arranjada. Se tivesses família percebias a minha raiva, mas és só!...

O Silvinha comoveu-se e pergun-

Gonçalves perguntou ao Silvinha: —Sabes que dia é hoje?

—Sei. É sábado.

—Trouxeste os décimos?

—Estão na carteira. Ainda não os tornei a ver.

—Então prepara-te! Olha que é logo...

O Silvinha saiu mais cedo para ir conferenciar com o patrão que morava na Parede e aos sábados não vinha ao escritório.

Acabada a conferência foi para casa, pediu o jantar à patrão e meteu-se no quarto para se vestir a capricho—porque tinha um baile no Ateneu.

Onze horas dadas, saiu tão des preocupado como sempre.

Ao virar a esquina de São Nicolau, um garoto ofereceu-lhe a lista. Lembrou-se dos vigésimos mas não parou.

Já na rua do Ouro tornou a lembrar-se e, instintivamente, atravessou a rua em direitura ao cambista da outra esquina.

A lista estava espalmada no vidro da montra. Parou para ver e sentiu um arripio na espinha. Estava lá, em letras maiores, um número que lhe pareceu ser o que o cauteleiro apregoava e que o Gonçalves escolhera.

Viu outra vez e fixou na memória: 6-2-6-4. Ia abrir a carteira para verificar mas, receoso, disfarçou o gesto. Vinha gente a passar...

Meteu direito à Rua do Crucifixo que é mais escura e ali, a disfarçar, mirando as portas, como quem confronta um número de porta com um apontamento, abriu a carteira e arripou uma pontinha dos vigésimos.

6-2 viu ele. A dobra não deixava ver mais. As mãos tremiam-lhe. Tirar os papéis da carteira, não queria; ficar assim na dúvida, também era estúpido.

Largou a passo estugado até o Rossio e entrou no «Nicola». Desceu a escada. «Lá em baixo» poderia ver à vontade. Estava tudo ocupado e uma bicha no corredor. Saiu e entrou no «Chave d'Ouro». O mesmo.

Na «Brasileira» é que conseguiu isolar-se. Viu. Era, realmente, o 6264...

Abancou para tomar um café e pensar. Queria sossegar os nervos, entrar em si mesmo. Ser o Silvinha do programa.

Bebido o café, murmurou para si mesmo: agora vamos até ao «Ateneu». Uma voz de dentro gritou-lhe:

«Ao «Ateneu»? Estás doido! E se perdes a carteira?... E se te roubam... A confusão dum baile... Os encontrões no bufete...»

Com a mão esquerda comprimida disfarçadamente o peito da gabardine. Continuou o diálogo consigo mesmo:

—Não, não. O melhor é ir para casa num «táxi»... Num «táxi»?... E o «chauffeur» será de confiança? Não é melhor ir a pé.



to como uma bandeira de promessa.

O Gonçalves no fim de cinco minutos não pôde conter-se e mastigou:

—Bonita bola! Linda bola! Mas um bilhete—é muito. Ainda se fosse um quarto... Isto da gente ser pobre!...

O Silvinha, cheio de bom senso, com o bom senso do seu programa, aconselhou:

—Porque não compras o quarto?

—E quem fica com o resto? Eu sei lá a que mãos irá parar? Talvez às de alguns Calixto, daígum

tu-lhe:

—Estás a falar a sério? Não foi o Cartaxo do jantar? Se falas, a sério, chama o velhote. Tão rico sou eu com mais cento e cinquenta escudos, com sem eles. Não te quero enguiçar...

O Gonçalves não esperou segunda ordem—e dois minutos depois o 6264 era dividido por ambos.

No sábado seguinte, logo de manhã, à entrada para o escritório, o

Sentia calor. O pulso batia-lhe apressado. Teria febre? Lembrou-se da congestão e pediu um copo com água. Bebeu. Quere dizer: levou o copo aos beiços porque a água era gelada e teve medo da pneumonia...

Finalmente entrou em casa, sem luvas, com os anéis metidos na bolsa, a gola da gabardine levantada para se não perceber que ia de casa. O Silvinha não queria nessa noite parecer uma pessoa rica. Tinha medo de tentar a cubição dos gatunos com as pedras dos anéis e do peitilho.

Em casa começou para ele outro martírio.

O quarto não tinha chave. Dormir de porta só no fecho, fazia parte do programa antigo.

Mala, já sabemos que não tinha. Mas a verdade é que aqueles quinze papelinhos, pegados uns aos outros, valiam trezentos contos. Trezentos contos! E no dia seguinte era domingo e estavam fechados os bancos e só na segunda-feira às dez horas os poderia trocar por notas e pôr estas a salvo na Caixa ou num Banco.

A mesma voz interior dizia-lhe: Bancos? Quais Bancos? E as falências? E os desfalques?

Neste cogitar acelerado, Pepe olhou em redor e deu com os olhos na cómoda de mogno, com pedra, o móvel rico do seu quarto de celibatário. Foi direito a ela, deitou-lhe as mãos e arredou-a para barricar a porta. Com esforço, conseguiu o intento.

— Apre! Até que enfim!

Só lhe faltava agora tirar os vigésimos da carteira e pregá-los com um alfinete de ama ao lençol de baixo, mesmo no sítio correspondente ao tronco.

Estava o Silvinha a esconder o tesouro quando ouviu uma voz chamá-lo e percebeu que uns dedos queriam levantar o fecho da porta.

A voz fez-se ouvir meliflua e cuidadosa:

— É o sr. Silva? Então não foi ao baile? Tem alguma coisa?

A porta não cedeu e a voz, agora recessa e trémula, indagou:

— Mas o que é isto?! O que é isto? Sr. Silva! Sr. Silva!...

— Não é nada, D. Assunção. Não é nada. Vim com dores de cabeça e já estou na cama.

— Mas o sr, arredou a cómoda?

— Arredei para procurar o botão do peitilho que me rolou para de baixo. Já o apanhei. Amanhã ponho tudo no seu lugar. Descanse.

— Não é isso. É que pode precisar alguma coisa. Olhe: vou fazer-lhe uma chásinho de tilia.

— Não vá, D. Assunção, não vá. Já estou bem e o que eu quero agora é dormir. Muito boa noite e obrigado!

Livre da patrão, o Silva afligiou-se. Pensava com o coração a bater. E se eu adoeço? Com estes papéis em casa! Se me levam para a casa de saúde? Como hei-de eu fazer isto? Como?

Com a exaltação, a febre crescia.

Mais de longe, do quarto tinguo a voz da patrão, dizia:

— Olhe, sr. Silva, passou-me da ideia dizer-lhe: esteve cá o sr. Gonçalves. Diz que volta logo de manhãzinha.

— Bem. Bem.

O Silvinha sentou-se na borda da cama pensativo. A mesma voz interior dizia-lhe:

— O teu amigo Gonçalves veio cá! O teu amigo Gonçalves a estas horas está na sua casa radiante com a mãe e a mulher a velarem todos o quarto de bilhete como a defunto rico e a beberem vinho do Porto e a comerem bôlos... E eu com uma fome dos diabos! Uma fome como não teria — se não tivesse trezentos contos! Raios partam o dinheiro!

A barafustar numas latas à procura dumas bolachas lá da fábrica, o Silva resolvia:

— Ná! Isto de não ter ninguém é bom para os que não têm nada. Mas o dinheiro é uma grande espiga — quando se tem um programa. Lá isso é.

CASTELO DE MORAIS

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



— Os afazeres de meu marido não lhe permitem estar em casa mais do que uma hora!

— Oh! Mas isso deve ser para ti bastante arreliador.

— Parece-te, filha!... Bem vêm — uma hora depressa passa...

CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos — corre o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA

O 73.^o aniversário DO CHEFE DO ESTADO



A passagem do 73.^o aniversário natalício do sr. Presidente da República foi celebrado em todos os sectores da vida portuguesa. Em todo o país foram unânimes as manifestações de admiração pela figura do sr. general Carmona, de apuro inconfundível, que há longos anos vem presidindo ao mais alto posto da Nação. Poucas vezes, na história portuguesa, se ergueu em torno dum homem tão profunda unanimidade de pensamentos. As manifestações com que foi comemorado o 73.^o aniversário do sr. Presidente exprimem bem a realidade simbólica da actual vida portuguesa. A Nação está identificada com os seus chefes — e acompanha-os.



AO ALTO: Os srs. general Eduardo Marques e dr. José Alberto dos Reis, respectivamente, presidentes da Câmara Corporativa e da Assembleia Nacional saudando o Chefe do Estado.

EM CIMA: Os membros do Governo, com o sr. dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, depois de terem cumprimentado o sr. general Carmona.



O sr. Presidente da República e sua esposa, com as senhoras do norte do País, que lhe ofereceram um lindo cofre de pau santo com incrustações de prata, contendo um coração de filigrana, que representava o coração da mulher portuguesa.



EM CIMA: O Chefe do Estado na sua casa de Cascais recebendo os cumprimentos dos srs. governadores civis de Lisboa, Pôrto, Braga, Viana do Castelo e Bragança, do presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Cascais, sr. capitão José Pessoa, e vereadores; eng. Abreu Nunes, presidente da Junta de Turismo de Cascais, Jaime Thompson, padre Moisés da Silva, Guilherme Cardim, Armando Vilar, presidente da S. P. de Cascais, etc.

À ESQUERDA: Aspecto da manifestação popular na cidade de Cascais.



7 dias de Cinema

por Fernando Fragoço

A velha tipóia, que sobe a Avenida, ao lusco-fusco destas tardes de Outono, desperta, ao passar, um movimento de curiosidade, que os transeuntes acusam de forma diferente. Para os novos, é a peça de museu, caricata e anacrônica, arrancada pela guerra à poeira de muitos anos. Para os velhos, é a imagem de tempos que não voltam, desses tempos a que têm ligadas as melhores e as mais doces recordações da sua vida. Os primeiros não resistem ao dito irreverente ou ao sorriso de troça. Aos olhos dos outros, porém, a velha tipóia aparece como tema para românticos devaneios pelo passado, de permissão com uma lágrima de saudade e de ternura.

O que acontece com a caleche que rola sobre o tapete de amareladas folhas de plátano — verificou-se, no Politeama, com o filme «Uma loira com açúcar». E não se julgue que estamos em presença dum fenómeno puramente local. Um dos mais reputados críticos «yankees» iniciou a apreciação da obra referida, com estas palavras significativas: «This is primarily a picture for «pop» and «mom». — Este filme é, sobretudo, para os papás e mamãs — para os papás e mamãs da América, acrescentamos nós, pois só eles poderão apreciar devidamente a reconstituição de Nova-York de 1890, um dos grandes motivos de interesse espectacular da película de Raoul Walsh.

E, assim, não nos surpreende, a carreira modesta de «Uma loira com açúcar», modesta consideramo-la nós, em face do seu valor como obra cinematográfica.

III

Em 1933, a Paramount transportou, pela primeira vez, para a tela, a peça de James Hagan, «One Sunday Afternoon», que deu origem ao filme, agora baptizado com o título de «The Strawberry Blonde». Na primeira versão, que diferia muito da obra original, a película adoptou o título da peça que a inspirou. Desta vez, em que se procurou seguir tanto quanto possível a sequência teatral, a fita tomou um nome diferente. Anote-se, apenas, o paradoxo, o que prova, uma vez mais, — parafraseando o velho provérbio — que quem vê títulos, não vê realizações...

O facto de, a sete anos de distância, se insistir na cinematização da mesma peça, diz-nos, só por si, do valor e do interesse que ela encerra para o público americano. A reconstituição de Nova-York, na época que se denominou, com certa injustiça, de «Gay Nineties», aparece, na obra agora apresentada, com um sabor e um pitoresco encantadores. Todo o romantismo desses

tempos, tão próximos e aparentemente tão distantes; todo o pitoresco dos trajos — ressurgem, evocados com um tom onde a sátira toma, por vezes, a mão da saudade.

Bons tempos esses! Feliz mocidade que pôde gozar a vida, ignorar o que eram guerras, preocupações, dificuldades e incertezas. Não havia automóveis, telefonias e aviões. Nunca ninguém soube o que era o «black-out», nem o racionamento. E na paz idílica dos espíritos, o coração só batia, alvoroçado, quando adregava passar na rua, de saia até aos pés, e gola até aos maxilares, uma loira qualquer, com mais ou menos açúcar...

E como «elas» eram fáceis de contentar! Um passeio até ao Jardim Zoológico; uma excursão pelo rio, no barco da carreira; um «pic-nic» junto ao pedestal da estátua da Liberdade! E quando êles lhe sorriam e elas sorriam também, aceitavam então uma passeata, sem conseqüências, num «char-a-bancs», pelas estradas enluaradas e desertas...

Hoje, as loiras com açúcar adquiriram mais materialistas noções da vida...

III

Todo o encanto do filme, como espectáculo, reside no paralelo que estabelecemos entre a vida de hoje e a que levaram os nossos pais e avós, há cinquenta anos. Raoul Walsh soube tirar partido cinematográfico do contraste, de forma a valorizá-lo, em todos os aspectos. O filme tem vivacidade e centelha... E vê-se com o prazer e a curiosidade com que se folheia um velho álbum de família...

A interpretação pode considerar-se excepcional. Olivia de H.

villand, na «Amy», vagamente feminista, imagem, apenas esboçada, da rapariga desembaraçada e livre da Norte-América — tem uma criação magnífica. Na cena do Central-Park, onde contracenava com James Cagney e o desarma com as suas réplicas, cheias de fingida maldade e de intenção, ela é grande!

Cagney, que o cinema utiliza de preferência em papéis de «gangster» e «cout-law» — é um comediante magnífico. No papel do dentista, que tirou o curso por correspondência, e que, apaixonado por uma loira, casa com uma morena, tem uma actuação admirável. Não vimos Gary Cooper na primeira versão. De contrário, o confronto seria curioso — até pela «maneira» diferente dos dois actores: Gary todo sobriedade e «nonchalance» — e Cagney, exuberante e dinâmico, como o Mickey Rooney...

III

«21 Dias» é um filme inglês. Mesmo que não lhe conheçasse a origem, o espectador desprevenido veria logo que ele nunca poderia ser americano. O cinema inglês mantém as características ráticas, como aliás acontece em todas as manifestações artísticas britânicas. A construção do espectáculo tem o seu quê de austeridade e de classicismo, para não acordar os «oh! sho-king!» duma sociedade, que faz lá tradição a sua virtude mais forte...

«21 Dias» foi produzido em 1938. Não é, portanto, um filme recente. Contudo, dir-se-ia mais idoso. E isto porque decorre nos bairros velhos de Londres, que guardam ainda o aspecto que conservavam há muitos séculos. Poucas cidades terão um «cachete» mais antigo. Pelas ruas

da City, circulam ainda as arcaicas «chocolateiras», que assistiram ao delírio da multidão que festejou a vitória da outra guerra. Nos tribunais, os juizes e advogados envergam a «toga» e põem a cabeleira branca para que os julgamentos revistam, deste modo, de estranha solenidade. Tudo isto, evidentemente, faz-nos recuar, no tempo, impressão que é ainda agravada pelo facto de já termos visto Laurence Olivier e Vivien Leigh, estereotipados pelos «maquilleurs» de Hollywood, numa versão mais consentânea com o conceito cinematográfico de 1942.

«21 Dias» é, no cinema, acima de tudo, o triunfo duma boa história. Porque o público tudo esquece, para seguir arrebatado o desenrolar dos acontecimentos, que perpassam na tela. E a história, que é excelente, melhor seria ainda, se não houvesse a preocupação compreensível e desculpável do «happy-end», solução que o público prefere.

A novela «The First and the Last», de John Galsworthy, e sobre a qual Basil Dean, o realizador e guionista, construiu «21 Dias», tem excepcional interesse. Abre com a invocação da Sagrada Escritura, que resume a acção: «o último será o primeiro — e o primeiro será o último». A história é simples: Dois irmãos, diferentes como o dia da noite. O primeiro, proposto para K. C. — King's Council, lugar equivalente ao nosso Delegado do Ministério Público — é ambicioso e vive para a sua «carreira» de magistrado. O segundo leva a vida ao acaso e tudo gasta com os prazeres materiais da vida. Um dia, este conhece uma rapariga. E um grande amor redime os dois. Tudo parece correr pelo melhor, quando o

(Continua na pág. 22)



Rita Hayworth, Olivia de Havilland, James Cagney e Jack Cowson, na comédia «Uma loira com açúcar», agora exibida em Lisboa.

CALÇADA DA GLÓRIA

A vida é um museu em que cada homem é um colecionador. Eu coleciono frases. As frases são os meus selos. A minha existência é um álbum.

*
O meu corpo é uma esquina arredondada. O meu espírito, um cartaz.

*
A minha hora é a Hora-Aguia. De relógio preso nas asas dos meus braços todos os dias caminho em direcção ao Sol.

*
Olho a Vida através do meu cristal. Sou o monóculo de mim mesmo.

*
A luz é a espuma de Champagne do céu. A minha taça tem a forma do Universo.

*
A minha ambição é uma Pavlova que dança eternamente nos bicos dos pés para parecer maior.

*
A minha idade será sempre a idade do Ferro.

III
— Que colecciona, meu bom amigo? Colecciona alguma coisa?

E Ramada Curto, erguendo os olhos vivíssimos do papel em que está escrevendo a sua próxima revista, responde-me:

— Colecciono. Colecciono pombo...

E levantando-se e abrindo a porta do seu escritório sobre a varanda mostra-me uma revoada branca que agita as asas, ao vê-lo.

III
— Eu colecciono tudo, bonecos, livros, gravuras, papéis, o que encontro. Neste capítulo sou eclético! — diz-me Albino Forjaz de Sampaio.

III
Em volta duma mesa estão quatro empresários: José Loureiro, Alberto Barbosa, António de Macêdo e Ricardo Covões. Falam surpreendentemente de coisas teatrais.

— Que colecionam, meus amigos? Responderam em côro:

— Peças!

— Deixemo-nos de «blagues»... Então José Loureiro disse:

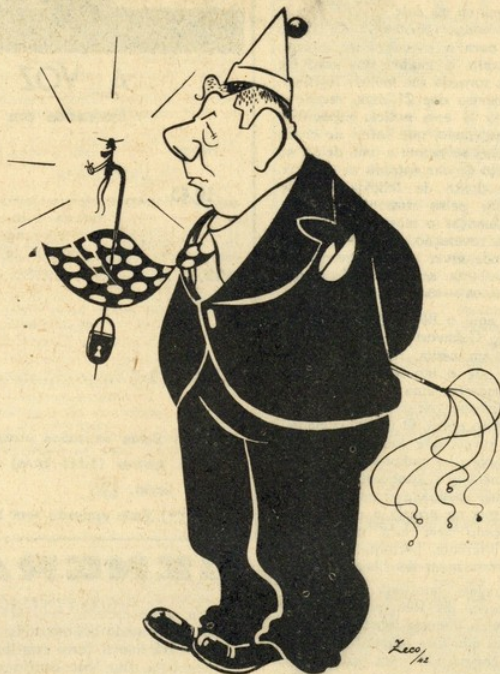
— Eu colecciono galos de loiça!

— Eu coisas de teatro! — acrescentou Barbosa.

— Eu, charutos! — exclamou Macêdo.

— Pois eu — sorriu Covões — eu colecciono os versos do Esculápio!

RICO RICARDO!



Eis aqui uma rosa e uma violeta esguia:
Oh! Não traduz, senhor, por forma alguma, creia,
Este mimo gentil a mais pequena idéia
De pretender entrar p'rá sua parceria!

Mas feriu-me a grande luz da sua fantasia,
O seu estro doirado que o meu espírito anseia.
E como um rouxinol que, ao luar, gorgoeja,
Aqui estou a cantar o que a si lhe diria.

E dou-me por bem pago — pobre de mim, poeta! —
Se vir a minha rosa e a minha violeta
Unirem, num perfume, os nossos corações...

Mil saúdaes minhas. Saúde efervescente.
Que eu fico, ao fazer dêste, dizendo eternamente:
— Covões! Covões! Covões! Covões! Covões!

José Ribeiro dos Santos que chefia a redacção da *República* diz-me que colecciona chapéus de chuva.

— E quantos tem?

Logo êle:

— Tenho um, para principiar.

III
Descendo da Sociedade de Autores encontro Felix Bermudes. Faça-lhe a pergunta.

— Eu, meu velho, colecciono amigos. É uma colecção que às vezes fica cara (há cada amigo que nos custa um dinheirão) mas é muito bonito...

III
Belo Redondo, pendurado num gordíssimo charuto, elucida-me:
— Colecciono livros... para os meus sobrinhos.

— Você não tem filhos?
— Não. O «Diário de Noticias» ainda me não deixou tempo para isso!

III
Amadeu do Valle colecciona elefantes, de loiça, de biscuit, de marfim, de trapos, de *toutes les choses*.
— É a minha única elefantazia! — comenta, de sorriso em punho.

III
— O que é que eu colecciono? Homem, você tem cada uma! Colecciono «notas». «Notas» musicais, é claro!
E Ruy Coelho despede-se de mim, descendo o Chiado.

III
António Pedro, poeta e artista, diz-me, risonho, sob a aba do seu elegantíssimo chapéu:
— Colecciono miniaturas... Tenho algumas tão pequenas que só podem ser vistas — ao microscópio...

III
— É o que lhe digo...
— ...
— Colecciono pares de botas. Todos os que me aparecem na existência — vão para a colecção...
Assim falou Erico Braga.

III
— Está lá? É o dr. Lopes de Oliveira que fala?
— Exactamente.
— Colecciona alguma coisa na vida?
— Colecciono pêlos de bigode...
— Muito obrigado.
E desliguei.

III
João de Barros, monóculo sempre reluzente, faz-me as suas confidências:
— Sou um coleccionador vulgar ou, melhor, o mais vulgar dos coleccionadores: colecciono ilusões e desilusões...

III
— Colecciono pássaros... — revela-me o maestro Raúl Ferrão. — Só papagaios tenho novecentos e trinta e dois...

III
— O que é que eu colecciono? — pergunta a si próprio o pintor Carlos Botelho. — Colecciono tintas...

III
— Quere saber qual é a minha colecção?
— Quero.
— As notícias e os réclamos dos meus livros. Tenho uma gaveta cheia do meu talento.
— Registo. Augusto da Costa.

7 dias de Cinema

por Fernando Fragoço

(Continuação da pág. 20)

ex-marido dela, pessoa dos mais baixos instintos, se coloca entre os amantes, num miserável negócio de «chantage». A luta trava-se. E o irmão do magistrado mata o antagonista. Abandona o corpo deste na rua — e o crime surge, aos olhos da polícia, envolto no mais impenetrável mistério.

O homem que matou vai expor tudo ao irmão. Este vê-se imediatamente envolvido no escândalo. Perderá o lugar que tem assegurado. E aconselha-o a que se cale.

Entretanto, é preso como criminoso, um desgraçado, um pária, meio-filósofo, meio-louco, que roubara o cadáver, despojando-o dum anel. Este homem quer sofrer, para redimir os erros que cometeu no passado. E aceita todas as culpas, feliz e confortado pela penitência que se lhe depara.

O verdadeiro criminoso está livre de qualquer suspeita. O irmão implora-lhe que nada diga. Oferece-se para o auxiliar a sair da Inglaterra.

O pária é julgado. Todos os indícios o comprometem. Será sem dúvida condenado. Até à leitura da sentença — vão três semanas, vinte e um dias. E ao homem que matou, surge, em toda a sua grandeza, o problema da consciência. Poderá deixar morrer na força um inocente? Certamente que não! Mas éle delibera viver, com a mulher, por amor de quem matou, os vinte um dias de liberdade, que lhe restam. E se o outro for condenado, fará a confissão completa do crime...

Os vinte e um dias de vida — correm num instante, entre uma felicidade feita de amargor. E, chega o dia fatídico da sentença. O homem é condenado! Está tudo perdido. O magistrado sabe que o irmão vai apresentar-se à prisão. Tenta ainda suborná-lo. Mas o outro diz-lhe, apenás:

— Dá-me uma razão honesta,

para que eu me cale.

Um longo silêncio... O outro corre para a esquadra de polícia. Entretanto, a mulher que com ele vivera, tornada sua mulher legítima, no primeiro dos 21 dias, recebe o jornal e lê esta notícia espantosa: «O condenado, que sofria de crises cardíacas, sucumbiu a uma delas, no momento de dar entrada na prisão». Correu, toda de felicidade e de angústia, pelas ruas de Londres, para alcançar o marido, antes d'ele fazer a revelação. E conseguiu, por fim. Pode viver agora o seu amor, durante três semanas, três anos, trinta anos — toda a vida.

Até aqui o filme. Porque na novela de Galsworthy, as coisas não se passam assim. Quando os dois sabem que o inocente fora condenado, ingerem uma poção venenosa e adormecem, para sempre, nos braços um do outro. O irmão, o magistrado, surpreende este quadro trágico. Sobre os cadáveres, encontra uma carta — a confissão completa do crime, destinada a salvar o inocente, que na novela é um simples desgraçado sem eira nem beira, muito diferente, portanto, da estranha personagem do filme.

O homem, que está para ser conselheiro do Rei, pensa, então, que a vida daquele infecto «rato de sargata» que fora julgado, não vale nada, comparado com aquilo que éle iria perder: o lugar, o conceito em que era tido pelos colegas, a tranqüillidade do seu viver. E queima a carta... O pária será enforcado. Dos dois irmãos, o magistrado e o boêmio — «o primeiro será o último e o último ficará sendo o primeiro».

O «happy-end», mais uma vez, estragou na sua grandeza uma novela magnífica — embora, valorizando a obra, comercialmente, na sua modalidade de espectáculo cinematográfico.



A VOZ DE LONDRES

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
10.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s) 13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00 (*).....	{ 30.96 m. (9.69 mc/s) 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) (**) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

(**) Esta emissão tem início às 21.15 h.

GENERAL GIRAUD

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA OITO)

o que não é nada honroso. Um oficial alemão nunca faria semelhante coisa — teria dito Von Stuelpnagel.

Ao que Giraud teria replicado: — «Peço-vos desculpa, mas há duas coisas em que estais enganados: 1.ª) — Nunca dei a minha palavra de honra de que não tentaria fugir e 2.ª) — Não sou oficial alemão, como sabeis. Mas isso não tem a mínima importância, regressarei à Alemanha como prisioneiro com uma única condição: a libertação de 100 mil prisioneiros de guerra franceses».

O general alemão recusou a proposta e, pouco depois, Giraud era autorizado a ir viver para a Riviera, por motivo de saúde. Alugou, em Cap d'Antibes, uma casa situada muito perto da residência do general Weygand com quem passava os dias a conversar.

Porém, os alemães não estavam descansados e, por isso, esforçaram-se para que lhe fosse fixada residência em Lyon. Como derradeira precaução, em torno da casa de Giraud foi estabelecida, dia e noite, uma vigilância aturada de polícia à paisana, especialmente destacada para o não perder de vista.

Estes polícias não tinham, contudo, licença para entrar na habitação de Giraud e, no dia 6 deste mês, o impedido do general disse a quem o quis ouvir que o patrão estava de cama com uma terrível constipação. Dessa maneira ninguém ficou surpreendido por não ver o general nos dias seguintes.

A verdade, porém, era outra. Giraud partira secretamente para Marselha. Ao chegar a esta cidade, envergou o seu uniforme de general e acompanhado por dois oficiais do Estado Maior, igualmente fardados,

dirigiu-se num automóvel militar para o campo de aviação de Mari-gnane, onde um avião esperava o sr. Chatel, que, por ordem de Vichy, ia regressar ao seu posto de Governador Geral da Argélia.

Cinco minutos antes do automóvel do general Giraud chegar ao aeródromo, uma voz ao telefone, fingindo ser a do Governador Militar de Marselha, avisou o pessoal do campo de aviação de que deviam ter o avião imediatamente pronto para transportar para Argel uma missão militar especial.

O general Giraud e os seus dois ajudantes chegaram momentos depois do telefonema e o aeroplano levantou voo sem a mais pequena demora. Três horas depois, quando o sr. Chatel chegou por sua vez, não pôde partir porque, conforme anunciou a agência de informações de Vichy, «o seu avião tinha saído com outro destino...».

Os resultados desta sensacional aventura já são, mais ou menos, conhecidos pelo público. Giraud, chegado a Argel, lançou pela rádio a sua primeira proclamação que teve o efeito duma bomba em quasi todo o Mundo devido à feição inesperada de que o facto se revestia.

Em conclusão: os ligeiros traços biográficos do homem que agora foi nomeado Comandante em Chefe das Forças Francêsas do Norte de África, ficarão incompletos se não acrescentarmos que se o futuro de Giraud for tão assombrosamente irrequieto como o seu passado, éle justificará plenamente o seu lema: «O homem deve tentar sempre o impossível».

JOSE CORREIA RIBEIRO

Vida MUNDIAL

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.ª — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.ª — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



A ESCRITA, A OBRA HUMANA MAIS PESSOAL

POR CLOTILDE RANDI

A tudo quanto a natureza cria, imprime a indelével marca da originalidade. Seja um penhasco, a folha de uma pereira, a pata de um cão, a mão de um homem, seja o que for, tudo guarda, dentro da unidade da espécie, uma forte individualidade.

Assim, não há duas folhas iguais nas duas mil de uma árvore, ainda que tenham a mesma forma geral. Não existem dois cães inteiramente confundíveis, apesar de pertencerem à mesma raça. Não vivem dois homens de igual configuração, sócios ou gémeos, que os confundamos em absoluto.

Há raros casos muito extraordinários. Lemos a notícia de uma semelhança assombrosa de dois homens, um professor e um operário, que, a propósito de um crime, deu trabalho à polícia de Praga. Sucedeu que ambos tinham a fisionomia tão parecida que morfologistas peritos, não sabiam que diferenças estabelecer entre uma e outra cara. A família de qualquer deles, não sabi-propriamente, qual dos homens lhe pertencia. Era desagradável a confusão! Tanto mais, que sendo um dos sócios criminoso, se aproveitava da semelhança para acusar o outro — declarando-se inocente. E semelhança era essa, que até a altura, a andar, o brucejar, não divergiam!

Foi quando intervieram dactiloscopistas e grafólogos e se estabeleceu claramente a sua identificação.

A forma do corpo era igual, pelo menos para a outra cara. A família de Mas, quando diferentes eram as impressões digitais e as escritas! Soube-se a verdade.

De facto, tão individual como a impressão dos dedos, é a escrita, pois se há letras iguais para quem não é grafólogo, para este as distinções logo aparecem.

Os próprios calígrafos fabricando o mesmo modelo, reconhecem qual o seu trabalho, embora não haja para o profano distinção possível.

Uma pessoa ainda que escreva e assinie sempre da mesma forma, imprime no seu traçado gráfico de cada vez que o executa, pequenas variações. Não oferece isso qualquer importância sob o ponto de vista psicológico.

mas tem-na já em identificação e quando se sobrepõem, ajustando-se perfeitamente, é porque foram obtidas por decalque. É o processo de muitas falsificações.

Queremos concluir: a escrita é um acto de tal modo individual que regista não só o fundo da psicologia do escrevente (carácter, temperamento, personalidade) mas também o seu lado o *inconstante*, permitindo-nos observar a sua vitalidade disponível e o seu humor actual.

Em todos os momentos sérios da vida, em identificação, em investigação criminal, em orientação profissional, na escolha do casamento, na pedagogia — nunca deveria dispensar-se o recurso importante de grafopsicologia, ciência moderna utilíssima e mais aliciante quanto mais se estuda.

Pois não é espectáculo admirável dissecar a alma?

RESPOSTAS

I — **SÓCRATES** — *Pórtó* — Absoluta falta de franqueza.

Duma forte teimosia, sente a necessidade de falar constantemente e impôr aos outros as suas opiniões que julga estarem sempre dentro da razão.

Todavia, no fundo, é um tímido. Acção e pensamento, falar e sentir nunca estão a par.

II — **EL-REI** — *Lisboa* — Temperamento sociável, bem humorado, com bom domínio próprio.

Afectuosidade moderada, com uns laivos de idealismo.

Toda a personalidade revela equilíbrio tornando-se o seu convívio simpático e agradável.

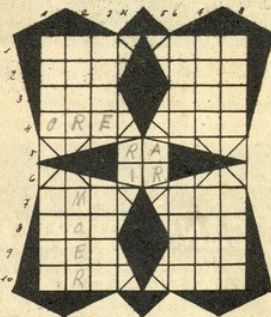
III — **ACO** — *Lisboa* — Desequilíbrio nervoso total, que se manifesta numa necessidade constante de movimento, chegando por vezes a agitação frenética. A par disso é sujeito a depressões morais que o deixam abatido e transformado. Quando os factos não lhe agradam, torna-se duma agressividade violenta.

Análises psico-grafológicas para conhecimento de si mesmo e dos outros.

Peça informações ao Instituto Grafológico Português,
Rua Chaby Pinheira, 23, 2.º. Esq. — Lisboa.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 50



HORIZONTAIS: 1 — Partido; Mercê, 2 — Renque; Insignificância. 3 — Resplendor; Qual. 4 — Rêse; Altar. 5 — Batráquio. 6 — Retor-

quir. 7 — Baixo; Tormenta. 8 — Rai-va; Corre; 9 — Fazei reparo; Criada. 10 — Número; Firmeza.

VERTICAIS: 1 — História; Báculo, 2 — Fragrância; Irilar. 3 — Plebe; Prata. 4 — Escarnece. 5 — Sôpro. 6 — Grande porção; Gritas. 7 — Vila portuguesa; Suspense. 8 — Cabeça; Grande.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 49

HORIZONTAIS: 1 — Zabumba. 2 — Rmoer. 3 — Pé; Mal. 4 — Ira; Seio. 5 — Pôma; Ada. 6 — Ara; Ar. 7 — Retama. 8 — Aramanté.

VERTICAIS: 1 — Opipara. 2 — Eró; Er. 3 — Ar; Amata. 4 — Bém; Aram. 5 — Umas; Ama. 6 — Mo- lã; An. 7 — Bê; Ida. 8 — Arpoára.

... aqui AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7,15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7,15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8,30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8,30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19,45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

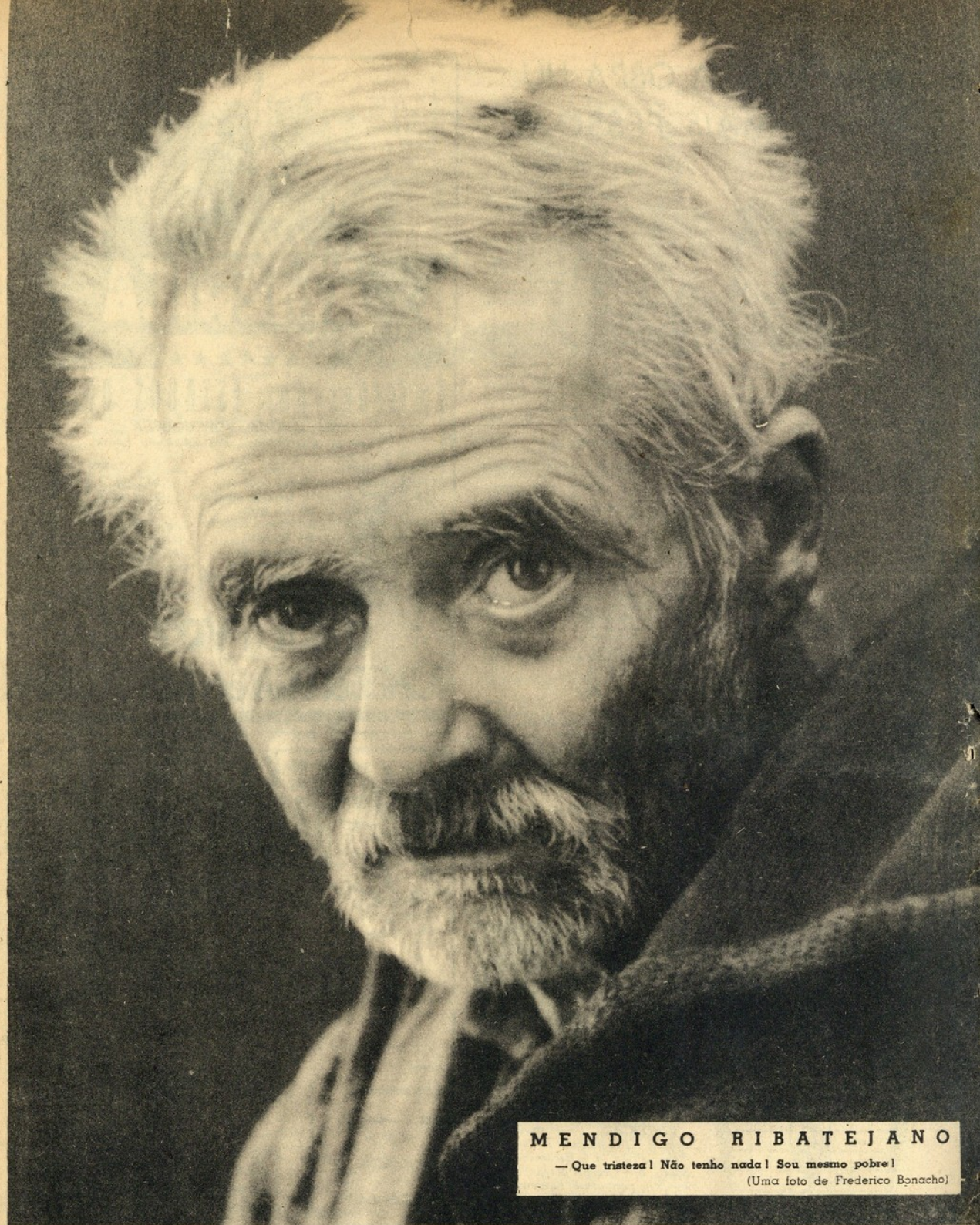
Escutai ROMA!

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8,50 Noticiário	2 RO 4	25.40	11.810
	2 RO 21	19.92	15.060
12,20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	16.84	17.820
	2 RO 17	15.31	19.590
14,10 Noticiário	2 RO 7	16.88	17.770
	2 RO 21	19.92	15.060
22,40 Noticiário	2 RO 11	41.55	7.220
	2 RO 22	25.10	11.950
22,40 Noticiário	Ondas médias		
		m. 221.1	
	m. 263.2		
0,00 Noticiário	2 RO 6	19.61	15.300
	2 RO 18	30.76	9.760
	2 RO 19	29.04	10.330
21,20 (Domingo)		25.70	11.95
21,20 (Quarta-feira)		30.52	9.830

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA



MENDIGO RIBATEJANO

— Que tristeza! Não tenho nada! Sou mesmo pobre!

(Uma foto de Frederico Bonacho)

LEIA NESTE NÚMERO UMA REPORTAGEM SENSACIONAL:
NA INTIMIDADE DAS GRANDES ARTISTAS:
O QUE NOS DISSE MARIA LALANDE